

Boletim Tak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL - Número 21 - Julho / Agosto 2021



"Amapolas Rojas en Montecassino". Victor Marchessini (1934-2020)



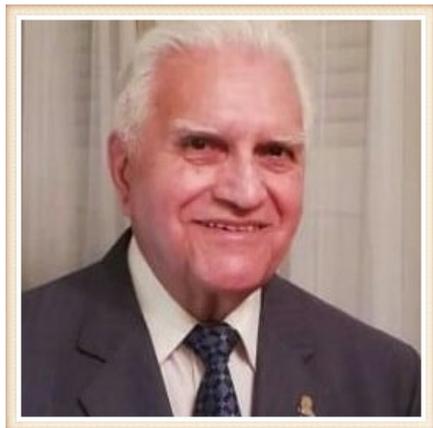
CASA DA CULTURA
**POLÔNIA
BRASIL**



NOSSA CAPA



ESPAÇO CCPB



Victor Marchessini

Nossa Capa: “Amapolas Rojas en Montecassino”. Pintura a óleo, 45x 45 cms. Autor: Victor Marchessini (1934-2020), nasceu em Mendoza e se radicou em Mar del Plata, Argentina.

Czerwone maki na Monte Cassino. Obraz olejny w rozmiarach 45 x 45 cm. Autor: Victor Marchessini (1934-2020), urodził się w Mendozie i zamieszkał w Mar del Plata, w Argentynie.

Tradução: **Mariano KAWKA**

Casa da Cultura Polônia Brasil: 09 anos resgatando histórias

No dia 03 de julho a instituição comemorou mais um ano de importantes atividades voltadas à preservação e difusão da cultura polonesa.

A Casa da Cultura Polônia Brasil, associação sem fins lucrativos, é formada pela sua diretoria, associados e voluntários, e conta com apoio institucional e financeiro do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, da Chancelaria do Primeiro-Ministro da República da Polônia, através de projetos realizados por meio da Stowarzyszenie “Wspólnota Polska” com sede na Polônia, e da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko.

Com objetivo de valorizar, manter e disseminar a cultura dos antepassados poloneses, a instituição vem implementando ações e atividades

através da realização de projetos – como a publicação do “TAK!”, promoção de eventos, oficinas e exposições – como a “Saporski, 150 anos da imigração polonesa no Brasil”. Fomenta também a realização de palestras, encontros e festas comemorativas relacionadas à cultura e à Polônia, visando principalmente integrar a comunidade polono-brasileira, oportunizando a convivência dos associados, alunos e visitantes na sede da instituição, mantendo o patrimônio bibliográfico, promovendo cursos do idioma polonês para crianças, jovens e adultos, nas modalidades semestral e intensivo de férias – como o “Uczmy się razem!”.

No convívio do curso de idioma, antes presencial e atualmente de maneira virtual, os descendentes

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL
Número 21 - Julho / Agosto 2021

Editora Chefe: Izabel Liviski

Diagramação: Axel Giller e Bruna Brugnolli Brescancini

Correspondente Internacional: Everly Giller

Revisão e tradução para o polonês: Mariano Kawka

Assistente de Revisão: Mari Inês Piekas

Capa: Victor Marchessini (*in memoriam*)

REALIZAÇÃO:

Casa da Cultura Polônia Brasil

APOIO:

Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba

Convidamos os interessados a anunciar suas empresas e seus produtos em nossas páginas.

Contato:

takpoloniabrasil@gmail.com

Os editores do TAK! não se responsabilizam pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos nos textos e artigos publicados, por serem de inteira responsabilidade de seu(s) respectivo(s) autor(es).

EDITORIAL

Prezados (as) Leitores (as),

O TAK! Homenageia os Avós (*Dzień Dziadków*), cuja data foi criada em 1964 no Brasil, em Portugal e em mais alguns países de tradição cristã, e se comemora no dia 26 de julho. A data foi escolhida porque também nesse dia, são celebrados dois santos católicos: Sant’Ana e São Joaquim, pais de Maria e avós de Jesus. Na Polônia é comemorado há mais tempo o dia das avós em 21 de janeiro, e no dia 22, o dia dos avós. Mas o importante é relemburar, a relação mágica entre netos e avós, todas as fantásticas memórias relacionadas a essa vivência inesquecível de nossas infâncias. Portanto, na edição temática deste número, muitos dos nossos articulistas dedicam textos, receitas e versos a esses personagens tão importantes da família.

A capa desta edição nos foi enviada pela comunidade polônica de Mar del Plata, Argentina, “Amapolas Rojas de Montecassino”, de autoria de Víctor Marcessini, em homenagem aos soldados que ali combateram pela democracia no mundo. Victoria, a Viky, uma jovem da comunidade se dedica a esse mesmo tema, *amapolas rojas* (página 21). A comunidade conseguiu também o prêmio no concurso “Polska to dla mnie” promovido pela *Stowarzyszenie Wspólnota Polska y Polonijna Agencja Informacyjna SWP*”.

O professor Michel Kobelinski, de União da Vitória nos traz a entrevista exclusiva, com os autores do livro “O Diário da Condessa Anna Maria Berezowska: uma história verdadeira”, ainda sem tradução para o português. A Fundação José Walendowsky traz o passado e o futuro de Brusque, em Santa Catarina, lembrando o primeiro veículo levado de uma cidade a outra em 1941, e projetando a nova praça dos imigrantes da Polônia, naquela cidade.

Temos novas seções de literatura nesta edição trazidas pelo professor Piotr Kilanowski da Universidade Federal do Paraná, e como as memórias afetivas ocupam um importante lugar na vida de todas as pessoas, Marek Makowski narra suas experiências ao longo de mais de vinte anos a frente do Consulado da República Polônia em Curitiba, e Everly Giller, nossa correspondente em Varsóvia, juntamente com Dulce Osinski, contam de forma divertida sua épica viagem à Polônia nos anos 80, a bordo de um navio.

E ainda tem mais, muito mais! Boa leitura!

Izabel LIVISKI
Diretora de redação.

ESPAÇO CCPB

encontram informações que os fazem conhecer e identificar valores, costumes e tradições dos seus familiares, ou seja, resgatar a história e a cultura das suas famílias.

Mesmo com as dificuldades de realização de ações e eventos impostos pela pandemia, a CCPB manteve de maneira adaptada a continuidade das atividades a que a instituição se propõe.

Neste mês de aniversário, desejamos STO LAT à instituição e convidamos você para integrar esta comunidade, associando-se.

Visite as páginas:

- Site: poloniabrasil.org.br
- Facebook: CasaDaCulturaPoloniaBrasil
- Instagram: #casaculturapbr

Equipe CCPB:
Bernardete Salamaia
Ieda Laise Port

MEMÓRIA

26 de julho – Dia dos Avós / Dzień Dziadków

Saudades, muitas saudades é o que eu sinto quando lembro de meus avós. Por razões geográficas, não tive muito contato, como gostaria, com meus avós maternos, vô Antonio, filho de imigrantes austríacos e vó Adélia, filha de italianos. Por isso ficaram marcados na memória somente alguns bons momentos partilhados nas rodas de chimarrão, com a família gaúcha de minha mãe Ruth em Santa Maria no Rio Grande do Sul.

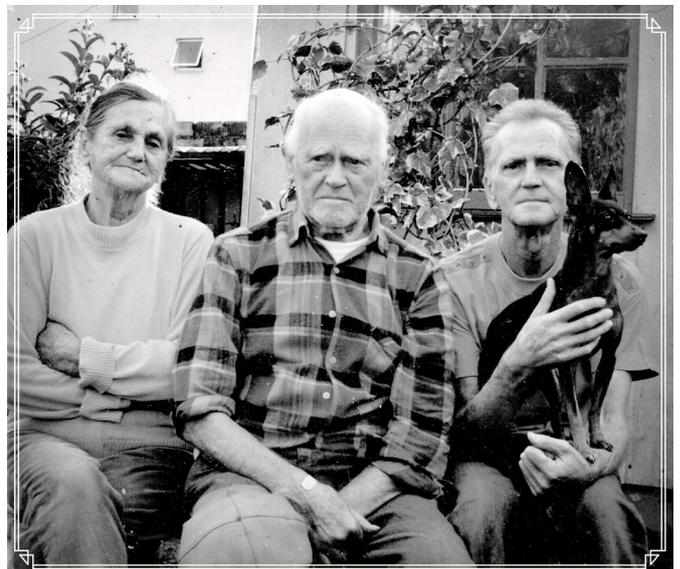
Meus avós paternos eram imigrantes poloneses, dos quais herdei o sangue, o amor à cultura e ao idioma polonês. Meu bisavô chamava-se Stefan Antoni Giller, nasceu em Łomża na Polônia e foi casado com Maria Pająkowska. Por serem muito patriotas e admiradores de Józef Piłsudski, tiveram que emigrar fugindo da perseguição das autoridades dos países que na época ocupavam a Polônia. Em 1902 chegaram a Londres, Inglaterra, onde estava no momento Piłsudski. Lá, no mesmo ano, nasceu meu avô Stefan Ian Giller. Em 1904, voltaram para a Polônia ocupada e fixaram residência em Cracóvia, onde meu bisavô Stefan Antoni Giller trabalhou como impressor na Universidade Jaguelônica. Em 1911, no entanto, decidiram emigrar para o Brasil, chegando de navio no porto de Paranaguá (PR). Em seguida, moraram na colônia polonesa Afonso Pena, em São José dos Pinhais (PR), mas depois se mudaram para Ponta Grossa, Paraná, local onde continuaram suas atividades patrióticas. Meu avô Stefan Ian tinha 25 anos quando casou-se com Maria Emilia Kulec, minha avó, ela recém chegada da Polônia, então com 16 anos. Ele trabalhava como tipógrafo e como músico. Tiveram 4 filhos. Mais tarde, a família Giller mudou-se definitivamente para Curitiba, onde meu avô trabalhou como tipógrafo na Imprensa Paranaense e participou como violinista do Grupo Folclórico Polonês Juventus e da Sociedade Tadeusz Kościuszko. Minha avó “Maricha” e os filhos também frequentavam o coral, grupo folclórico e atividades polônicas promovidas pela Sociedade.

O tempo passou e meu pai Ladislau Antonio, o segundo filho de meus avós, se casou e, devido às exigências do seu trabalho, morou com a esposa e três filhos em diversas cidades. Finalmente em 1973 ele voltou com a família de mudança permanentemente à capital paranaense.

Me recordo dos anos anteriores à 1973, quando vínhamos passar as férias em Curitiba e ficávamos hospedados na casa dos avós poloneses. Que alegria! Uma casa de madeira com sótão, que ficava ao alto num terreno na rua Dr. Goulin, com um jardim repleto de samambaias e

“beijinhos” e um quintal onde meu avô tinha uma grande horta. Lembro-me das pereiras enormes as quais eu podia tocar os galhos da janela do sótão. Anos depois meu avô se encantou com as orquídeas e construiu 3 orquidários que ficavam espalhados pelo terreno. Para mim e meus irmãos, todos ainda crianças, tudo lá era fascinante: aquele idioma que não entendíamos, a oficina mágica do “dzia-dzio”, o som de seu violino, os aromas e sabores da comida polonesa que a vó “Marisia” preparava com esmero e maestria (ahh o cheirinho de endro fresco!), o poço “proibido” localizado bem no meio do quintal, as papoulas no jardim, a escada escondida que levava ao misterioso sótão no qual passávamos as noites geladas de Curitiba debaixo da “pierzyna” (cobertor grosso feito com penas de ganso). Quando acontecia de passar as férias lá no verão, tenho a lembrança da cantoria alta dos sapos logo ao escurecer. São lindas lembranças que ficarão gravadas eternamente em minha alma. Foi nesse casarão que comecei a aprender as primeiras palavras no idioma polonês: *Babcia, dziadek, zupa, chleb, pierogi, dzień dobry* entre outras. A curiosidade de saber sobre o que eles conversavam em polonês me incentivou mais tarde a aprender o idioma, depois a vir estudar na Polônia, e finalmente a morar no país de meus antepassados. Muita gratidão!

Everly GILLER



Anos 80: Babcia Marisia, dziadek Stefek, meu pai Ladislau Giller e o Bimbo.
Foto: Acervo da família Giller

A casa da 'vó' Anastácia



Anastácia Leviski com um dos netos ao colo. Foto: Acervo da família Leviski

Ao me deparar com a possibilidade de escrever sobre meus avós, senti uma certa euforia pela possibilidade de recordar um tempo mágico da minha vida e ao mesmo tempo temor de não consegui-lo, pelo pouco tempo de convívio que tive nesta relação entre netos e avós. As lembranças que tenho são muitas vezes nebulosas e fazem parte deste tempo mágico que foi a minha infância, e por este motivo podem retratar também a fertilidade da imaginação de uma criança apaixonada pela sua família.

Sou a terceira filha temporã de um descendente de poloneses e de uma descendente de italianos e tive pouco convívio com os meus avós, na verdade só convivi por alguns anos com a minha avó Anastácia Leviski, mãe do meu pai (Mario Leviski), casada com José Leviski*, que a essa época já era falecido. Infelizmente tanto os imigrantes poloneses quanto os italianos não conseguiram juntar e manter informações sobre o processo migratório e, portanto, pouco sei sobre de que parte da Europa vieram e quais os caminhos percorridos no Brasil até se fixarem em Curitiba.

A única certeza que tenho é que imigraram para o Brasil no final do século 19. Minha avó Anastácia, pelo relato oficial familiar teve oito filhos, quatro homens e quatro mulheres, que foram muito competentes em organizar e manter uma família típica e genuinamente polono-brasileira, mescla de todos os sentimentos que podemos expressar. As memórias que relato aqui estão armazenadas no meu arquivo afetivo e foram construídas, com

base nos anos vividos com a minha avó, pelas narrativas dos meus pais e pela vivência diária e constante com meus tios, e principalmente com as minhas tias.

Com certeza minhas tias herdaram não só os traços físicos, mas também a coragem, a garra, a dureza muitas vezes necessárias para enfrentar os desafios que a vida nos impõe, e também a verve festiva e festeira da 'vó' Anastácia. Ela gostava muito de ir ao cinema, de reunir a família e de "descer" a serra de trem até Paranaguá aos domingos com uma grande cesta de pastéis, feitos no sábado. *Pierogi*, pastel e 'charutinho' são delícias herdadas dos "polacos", que os meus pais fizeram questão de manter, e eu também sigo a tradição com a minha família atual. Cozinhar para a nossa família é um ato de amor, e o pastel um símbolo de confraternização, pois reúne todos, cada um exercendo uma função no preparo.

Devo ressaltar que para mim a 'vó' Anastácia e a sua casa se misturam muito nas minhas lembranças. A casa de madeira, tipicamente polonesa, o sótão (foi com ela que eu aprendi a descer a escada sentada), a despensa, a lata de banha onde a carne de porco era conservada e também conferia sabor à broa preta feita em casa, quando era torrada na chapa do fogão à lenha, para o café da tarde. As cobertas e os travesseiros feitos de pena de ganso, o mochinho (pequeno banco de madeira) onde sentávamos à tarde para comer bala "Sete Belo", que ela colocava dentro de uma caneca feita a partir de latas de azeite "A Dona".

O terreno grande com três casas, uma da 'vó' e as outras duas de tios, o pomar com os pés de pera, de maçã, a palmeira que "dava" coquinho, que, além de ser delicioso in natura, era usado em infusão na cachaça e que vez por outra também podíamos experimentar. Nós não morávamos no mesmo terreno, mas na mesma rua e mesma quadra, distante três casas da 'vó'. Deste modo, eu ficava mais tempo na casa dela, porque era muito mais divertido conviver com as tias e tios, primas e primos.

Por este relato é possível deduzir que a relação com os meus avós, aqui representados pela avó Anastácia, vai muito além da consanguinidade, envolve muito sentimento, amorosidade, cumplicidade, pertencimento e construção conjunta de ser, viver e conviver. Neste momento sinto saudades imensas, não só de todos aqueles que fazem parte da minha vida somente por meio de lembranças e afetos, mas principalmente saudades de tudo o que poderia ter vivido e não vivi...

*Nota: * José Leviski, nascido em Zamość, Polônia, emigrou para o Brasil em 1889. Aqui seu sobrenome foi "abrasileirado", assim como os de seus descendentes, gerando várias grafias diferentes na mesma família. Fato comum que ocorreria devido ao desconhecimento das línguas estrangeiras por parte dos escriturários de então.*

Maria Helena LEVISKI ALVES

Brasileira com ascendência polonesa e italiana, casada com Luiz Alberto, mãe do João e da Mariama, avó do Francisco. Enfermeira sanitária, mestre em educação, funcionária pública, professora universitária com foco e atuação em saúde coletiva, atualmente aposentada. Apaixonada pela vida e pelas pessoas.

MEMÓRIA

Meu avô “descobriu a América”

Meu avô do lado paterno foi Ignacy Kawka (1877-1958). Ele nasceu numa aldeia nas proximidades de Lublin, na Polônia, numa região da atual Polônia Oriental bem próxima (cerca de 100 km) da fronteira da Ucrânia.

Ignacy Kawka foi um dos milhões de europeus que se deixaram influenciar pelo “sonho americano”. Ao contrário dos imigrantes poloneses que vinham ao Brasil – geralmente acompanhados de suas famílias –, aqueles que iam aos Estados Unidos em geral viajavam sozinhos, mesmo que já estivessem casados. Eles costumavam trazer as suas famílias quando já alcançavam uma suficiente base econômica no além-mar.

Ignacy viajou aos Estados Unidos em duas ocasiões e trabalhou em Buffalo, N.Y. Conforme registros do The Statue of Liberty – Ellis Island Foundation Inc. (www.ellisland.org), ele era natural de Skrzynica (na realidade Skrzyniec), na parte da Polônia então ocupada pela Rússia, e chegou à América pela primeira vez no dia 3 de abril de 1906, com a idade de 29 anos, viajando no navio *Vaderland*, procedente de Antuérpia (Bélgica). Ele viajou em companhia de seu irmão Stanisław, que tinha então 33 anos.

Meu avô viajou aos Estados Unidos pela segunda vez em 1909 e levou consigo seu sobrinho Władysław, que tinha 19 anos quando chegou àquele país, onde permaneceu re-

sidindo. Ignacy voltou à Polônia em 1910, tendo a sua volta apressada pela morte de sua mulher Józefa. Ele acabou se casando pela segunda vez e não mais voltou à América.

Imagino que suas viagens tenham mais tarde inspirado e influenciado meu pai Stanisław Kawka, que às vésperas da Segunda Guerra Mundial emigrou ao Brasil, atraído pela propaganda da companhia inglesa Paraná Plantations Ltd., que na época estava colonizando o Norte do Paraná (daí o nome Londrina) e atraiu para essa colonização também certo número de poloneses, que se estabeleceram nas colônias Warta, fundada em 1934 perto de Londrina, e Gleba Orle, fundada em 1937 no atual município de Arapongas.

Eu não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente meu avô Ignacy. Só pude visitar o seu túmulo pela primeira vez em 1984, quando viajei à Polônia pela primeira vez. Mais recentemente, em 2019, tive o meu encontro simbólico com ele nos Estados Unidos, em Ellis Island, aos pés da Estátua da Liberdade em Nova York. Ellis Island é um símbolo da imigração aos Estados Unidos. Essa ilha deu as boas-vindas a mais de 12 milhões de imigrantes, entre os quais esteve meu avô Ignacy Kawka. Os meus encontros com ele foram apenas simbólicos, mas para mim altamente emocionantes e significativos.

Mariano KAWKA

FUNDAÇÃO JOSÉ WALENDOWSKY

Brusque terá praça em homenagem aos imigrantes poloneses

A Fundação José Walendowsky recebeu da Prefeitura Municipal de Brusque o Projeto Arquitetônico final da Praça Imigrantes da Polônia, que será construída em homenagem aos Imigrantes Poloneses, que aqui aportaram em 1869.

Desenvolvido pela equipe da Secretaria de Infraestrutura Estratégica da Prefeitura de Brusque, o Projeto foi entregue ao Presidente da Fundação, Valdir Rubens Walendowsky, pela arquiteta Andréia Patrícia Volkmann, que chefia a Secretaria, e Katuscia Viviane Liesemberg, que liderou os estudos para a elaboração do projeto. Esteve presente também o Presidente de Honra da Fundação, Ivan José Walendowsky.

Katuscia e sua equipe estudaram a história da Polônia e desenvolveram um projeto que leva em conta não só os aspectos arquitetônicos poloneses, mas também o físico, trabalho, mental, cultural, tradição, memória, emocional, esportes, lazer, espiritual, família, pessoas e religião. A Praça Imigrantes da Polônia será construída em um terreno com mais de 8 mil metros quadrados, localizado entre as Ruas Bartolomeu Pruner e Francisco Sassi, no Bairro Jardim Maluche.

O terreno foi concedido à Fundação José Walendowsky pela Prefeitura de Brusque através de um termo de Sessão de Uso, aprovado pela Câmara Municipal através da Lei 4.235, de 31 de julho de 2019. No local, em 24 de agosto de 2019 foram inauguradas as estátuas “O Semeador” e “O Batismo”, como pedras fundamentais

da futura praça. As duas obras são de autoria do Escultor David Rodrigues.

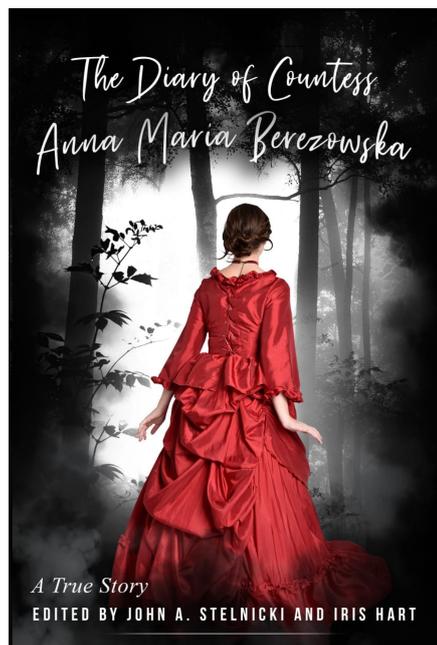
Além do brilhante estudo elaborado pela equipe de arquitetos do Município, o projeto da praça foi pensado também com relação às cotas de enchente, já que o local próximo ao Rio Itajaí-Mirim é suscetível a enchentes. Foram levadas em consideração as cotas 7, 8 e 9. No momento a Secretaria de Infraestrutura Estratégica e seus técnicos estão trabalhando nos projetos executivos e levantamento de custos. Isso, a Fundação José Walendowsky vem analisando as possibilidades de obtenção de recursos para a concretização da praça.

Nilton PROENÇA
Secretário e Assessor de Comunicação da FJW.



Maquete da praça Imigrantes da Polônia em Brusque.

Entrevista



Capa do livro *The Diary of Countess Anna Maria Berezowska: A True History*

Tivemos a honra de entrevistar Iris Foranna Hart e John A. Stelnick, editores do livro *The Diary of Countess Anna Maria Berezowska: A True History*, publicado em fins do ano passado pela *Amazon* e premiado recentemente pelo Independent Publisher Book Awards (3º lugar). Atualmente Iris Hart ministra aulas de inglês em Paris, pinta retratos e atua como editora. John Stelnick, descendente direto da Condessa Anna Maria Berezowska, é aposentado pela *United Airlines*, dedica-se à pintura, escultura e cerâmica em Toledo, Ohio, Estados Unidos.

O Diário da Condessa Anna Maria Berezowska – originalmente escrito em polonês, russo, francês, alemão e iídiche – é uma impressionante autobiografia preservada nas relíquias da família Stelnick, que agora chega ao público de língua inglesa com o suporte editorial de Iris Hart. Estes escritos abrangem três anos da vida da condessa e a primeira tentativa de reforma democrática na Europa, a Constituição de 1791. Sua defesa contra as influências externas resultou na capitulação e na partilha do país pela Rússia, Áustria e Prússia. Em Varsóvia, a condessa Anna se casou com Jan Stelnick; ambos tiveram um filho (John Walter) e lutaram pela liberdade polonesa em meio a turbulências políticas, militares e palacianas.

O livro é uma captura emocionante

da vida e da história através de um documento raríssimo que esperou mais de duzentos anos para ser publicado. Os documentos históricos subsequentes se silenciam e não sabemos o que aconteceu com a condessa. Certamente os historiadores poderão tirar da obscuridade a vida de uma personalidade histórica tão marcante e sensível da História da Polônia. O livro inspirou James Conroyd Martin a escrever a trilogia *Push Not the River* (St. Martin's Press, N.Y., 2003), romance histórico também publicado pela *Amazon*, em 2017.

Michel Kobelinski – Vocês poderiam falar sobre suas formações profissionais?

Iris Hart – Sou diplomada pela Universidad de las Américas no México, D.F. (Puebla, México), Bacharelado em Artes, com uma especialização em Antropologia Cultural. Enquanto estudava lá, fui Editora Executiva do jornal daquela universidade, *The Collegian*, em 1966-67. Depois de me formar, fui assistente social bilíngue (espanhol-inglês), em São Francisco, mais tarde me tornei secretária jurídica. Mudei-me para o sul da França, em 1980. Atuei como secretária multilíngue (francês-italiano-inglês), em Mônaco. Depois, mudei-me para Paris e comecei minha carreira ensinando inglês a profissionais adultos, o que envolve treinamento para apresentações internacionais. Paralelamente a este trabalho, eu faço traduções do francês para o inglês como *freelancer* e compilo e edito livros e artigos em inglês. Eu também sou pintora e ilustradora, especializada em retratos.

John Stelnick - Uma das razões pelas quais queria traduzir o diário era que eu pretendia ser professor de história no ensino secundário, um objetivo que mais tarde alcancei. Quando estava na faculdade, às vezes usava partes do diário traduzido para apresentar relatórios aos meus professores. Para ter certeza de que queria ensinar, assumi o cargo de professor substituto, onde dei aulas de história tanto no Ensino Fundamental (*Primary School*), quanto no Ensino Médio (*High School*) em Toledo, Ohio e arredores, por seis meses. Depois, durante as férias de Páscoa, mudei-me para São Francisco. Lá,

consegui um cargo na *United Airlines*. Fui responsável pela orientação de novos funcionários, fazendo assim uso do meu treinamento de professores e da minha experiência como professor.

Michel Kobelinski – Iris, os leitores, incluindo os historiadores, é claro, são fascinados por biografias e autobiografias. Pessoalmente, o que te fascina no livro “O diário da Condessa Anna Maria Berezowska”?

Iris Hart - Um dos aspectos mais fascinantes para mim do Diário de Anna é sua descrição de um clã camponês na Polônia, perto da fronteira com a Áustria. Estes dados são certamente únicos historicamente porque, como você sabe, praticamente não houve contato na Polônia do século 18 entre a aristocracia e o povo analfabeto. Anna registrou estas informações etnológicas porque ela foi resgatada por caçadores deste clã e levada por estas pessoas por tempo suficiente para que pudesse fazer observações detalhadas. Sei que a maioria de nossos leitores se concentra nos aspectos românticos, *sexys* ou aventureiros do livro, por isso estamos especialmente entusiasmados pelo seu interesse nas informações culturais que ele contém e queira divulgá-lo em nível público e acadêmico.

Michel Kobelinski – No livro *O Diário da Condessa Anna Maria Berezowska* são perceptíveis laços de amizade e seu contrário, a inimizade. Como vocês entendem estas práticas, considerando este período histórico desafiador?

John Stelnick - Anna se comportou de acordo com as exigências sociais e as expectativas morais. Suas respostas foram gentis e respeitadas. Anna admirava Sophia, com reservas pessoais por causa de seu estilo de vida social e sexual. Com a Condessa Gronska, que Anna também admirava e respeitava como sua tia amada, ela suspeitava de alguma insensibilidade mental. Portanto, Anna era um pouco reservada em seu relacionamento. Quando Anna percebeu que o Conde John Stelnick não era responsável por atacá-la sexualmente, renovou seu amor e sua confiança nele. Por exemplo, quando ela arriscou a morte no parto, pediu-lhe que assumisse toda a responsabilidade

 ENTREVISTA

financeira pelo bem-estar de seu filho. Anna aceitou com resignação seu casamento com o Barão Grawlinski, ao qual foi forçada. Isto era o esperado à época.

Iris Hart – A amizade que Anna mostrou com pessoas definitivamente abaixo de sua classe social, como os camponeses e servos, foi certamente mais calorosa e genuína do que outros aristocratas teriam demonstrado. Entretanto, estes laços de ternura e gratidão eram temporários e circunstanciais. Anna menciona ter conhecido patriotas poloneses sem título que apoiaram as ideias da constituição democrática de 1791, mas acredito que estas eram alianças de interesse comum, não o que poderíamos chamar de amizade. No que diz respeito à inimizade, Anna não era de guardar rancor, mas ela certamente e justamente odiava seu primo Walter, um daqueles que a violava e mais tarde a ameaçava e torturava. Quando a morte de Walter foi anunciada, quase pude sentir Anna suspirar de alívio. Um ressentimento intenso também estava presente em relação ao Barão Anthony Grawlinski, com quem ela se casou à força. O que eu senti não foi tanto ódio, mas sim a falta de sentimento.

Michel Kobelinski - Hoje a Antropologia está explorando novas formas de contato com o público. Notei que a divulgação do "Diário de uma Condessa..." é ampla, abrangendo conteúdo digital, filmagens e postagens em mídias sociais. Iris, em termos antropológicos, o que caracteriza este livro-documento? E, além disso, você poderia falar sobre a campanha de divulgação e resultados até agora?

Iris Hart – No Diário da Condessa Anna Maria Berezowska certamente há uma riqueza de dados antropológicos. Como eu disse antes, todo o capítulo "A Vida em Meio a um Clã Camponês" descreve em detalhes minuciosos os costumes e o estilo de vida deste desconhecido, mas provavelmente representativo grupo de pessoas na parte sul da Polônia, perto da fronteira austríaca, que ninguém conhecia ou sobre o qual alguém jamais havia escrito. Anna também descreveu as práticas cotidianas de sua família e de seus criados, tais como a forma como se faziam os partos dos bebês e os remédios que eram usados quando estavam doentes; além da forma como as famílias dos criados conversavam, como se comunicavam umas com as outras e respeitavam suas próprias hierarquias. E a menção a essas comunidades de criados para as quais os mesmos se retiravam quando não estavam cuidando de seus senhores – essas comunidades provavelmente ajudaram a manter viva a cultura polonesa durante as décadas de domínio russo.

Entretanto, no que diz respeito ao que John e eu estamos fazendo na mídia para divulgar não apenas os aspectos etnológicos, mas o livro em geral, tudo é tentativa e erro neste ponto, e não tem funcionado, até onde eu posso ver. Aqui e ali aparece alguém (como você, graças a Deus) que gostaria de ajudar a tornar conhecido o que eu considero ser um trabalho animado. Tenho seguido as sugestões da Rochelle Alexandra em relação ao Facebook e, até certo ponto, ao LinkedIn, e tudo isso leva um tempo enorme e não resultou em vendas de livros. Os cliques do YouTube que eu realmente gosto de criar (em breve outro será publicado), mas vejo que tenho apenas um punhado de assinantes. Pode haver espectadores que apreciam os vídeos, mas não vejo nenhum aumento nas vendas de livros desde que criei o canal no YouTube. Às vezes os dias passam sem nenhuma venda de livros, e quando há um,

muitas vezes eu conheço a pessoa que o comprou.

Acho que o que preciso fazer é me concentrar no contato com organizações culturais polonesas que possam se interessar pelo nosso livro. Isto também consome muito tempo e muitas vezes leva a convites para doar cópias assinadas para suas bibliotecas de referência, então acabamos comprando nossos próprios livros para eles! Talvez eu devesse tentar contatar universidades com programas de estudos eslavos para ver se eles poderiam recomendar nosso livro pelo menos para leitura suplementar.

Um problema, que também faz parte do encanto do livro, é que ele não é acadêmico por si só. É principalmente a história de uma pessoa única e sensível que sobreviveu a ataques à sua própria vida, assim como a eventos de significado histórico. John foi entrevistado por uma mulher em São Francisco; depois que ela me enviou o vídeo, vou postá-lo no YouTube, talvez colocá-lo em nosso site, mas e depois? Sem nenhum seguidor, e sendo a maioria deles meus amigos pessoais ou de John, não sou a pessoa certa para pedir conselhos sobre como contatar o público, alcançar novas audiências, estimular o debate, divulgar o livro em público ou em esferas acadêmicas... Eu gostaria de saber!

Michel Kobelinski – O que significou para vocês o recente prêmio *Independent Publisher Book Awards*?

Iris Hart – O prêmio IPPY é bastante prestigioso. Houve mais de 4000 entradas, e das quais cerca de 400 receberam prêmios (ouro, prata, bronze) em todas as várias categorias. Acho que será muito significativo porque agora podemos dizer "premiada" em toda a nossa publicidade e refazer as capas dos livros para incluir uma foto da medalha. Isto inspira a confiança dos leitores. A medalha e o certificado reais foram-me enviados pelo correio há cerca de três dias, e há uma cerimônia de premiação no Zoom no dia 30 de junho. É claro que estou participando virtualmente. É realmente uma pena que John não participará por causa de sua recusa em usar qualquer equipamento eletrônico. Eu ainda não fiz nenhuma mudança nas atuais publicações porque o livro está sendo julgado atualmente na competição Northern California Book Awards. Se recebermos algo deles, então talvez eu possa incluir isso também na capa do livro e também no seu interior.

Michel Kobelinski – Eu agradeço o carinho e atenção de Iris Foranna Hart e John A. Stelnik, pessoas maravilhosas que gentilmente compartilharam momentos agradáveis repletos de conhecimento e esperança. Aproveito a oportunidade para estimular os leitores a divulgar este livro impressionante em nossa comunidade. Esperamos que *O Diário da Condessa Anna Maria Berezowska: uma história real* tenha uma boa acolhida e merecidas edições em português e polonês para atrair mais leitores.

Para maiores informações:

Iris's First Interview: <https://tinyurl.com/3m25jbd>

Entrevista concedida a Michel Kobelinski por e-mail, entre abril e junho de 2021. Em breve será publicada uma versão estendida desta entrevista, em inglês.

Michel KOBELINSKI

Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná-Unespar, Campus de União da Vitória. Pós-doutor em História, Membro da Federação Internacional de História Pública, Professor dos cursos de mestrado em Ensino de História e História Pública, editor da Revista Ensino & Pesquisa e membro da equipe editorial Public History Weekly, América Latina.

Guarani das Missões – *stolica polskich gaúchos*

Spośród wielu brazylijskich miejscowości, które odwiedziłem jako konsul, szczególną sympatią darzę Guarani das Missões. To wyjątkowe miejsce na polonijnej mapie Brazylii. Pierwsi osadnicy przybyli tam w 1891 r. Z czasem Guarani das Missões stało się największym polonijnym skupiskiem w całym regionie Missões. Warto wspomnieć, że region ma bogatą historię i niemało zabytków związanych z tzw. „Misjami Jezuitskimi” – osadami Indian Guarani zarządzanymi przez Jezuitów od początku XVII do połowy XVIII wieku. Nazwa miejscowości Guarani das Missões nawiązuje do tej historii.

Guarani das Missões liczy aktualnie około 9 tys. mieszkańców z czego blisko 80 % stanowią potomkowie polskich osadników. Gospodarka gminy opiera się na rolnictwie. Odkąd w 1959 r. miejscowość uzyskała prawa gminne władzę w Guarani das Missões sprawowało wiele partii, od prawa do lewa, ale jedna rzecz pozostawała niezmienna: wszyscy prefekci wybrani w wyborach posiadali polskie pochodzenie. Nie ma w Brazylii drugiej miejscowości, która mogłaby się czymś takim pochwalić. W ośrodku zdrowia gminy pracuje od wielu lat lekarz wykształcony w Polsce, w gminie zamieszkują i pracują rów-

nież inni absolwenci i byli studenci polskich uczelni. Miejscowość jest też wyjątkowa pod względem nauczania języka polskiego we wszystkich szkołach. Jest szansa, że ORPEG wyśle tam wkrótce nauczyciela z Polski. W Guarani das Missões jest regularnie organizowany największy w Brazylii festyn polonijny – Polfest. Jest to duże kulturalne i ludowe święto połączone z wystawą rolniczą i rzemiosła oraz innymi znaczącymi przedsięwzięciami na skalę regionu.

Pomimo oddzielających siedzibę konsulatu w Kurytybie od Guarani das Missões 800 kilometrów kiedyś fatalnych, a obecnie pozostawiających nadal wiele do życzenia dróg, starałem się zawsze uczestniczyć w festynie Polfest. Dojazd wymagał wyrzeczeń. Wyjazd z Kurytyby o 4.00 rano aby przed zmrokiem dotrzeć na miejsce, w dodatku samemu prowadząc samochód. W trakcie jednej z moich pierwszych podróży do Guarani das Missões dziury w asfalcie spowodowały, że uszkodziłem trzy opony. W trakcie innej tropikalna ulewa z gradem i głębokie kałuże zatrzymały mnie na szosie na kilka godzin. Przygód nie brakowało.

Historia, którą chcę opowiedzieć zdarzyła się podczas jednego z przedsięwzięć towarzyszących Pol-

fest kilka lat temu. Dojechałem do Guarani i prosto z samochodu zostałem zaproszony na spotkanie prefektów regionu Missões. Spotkaniu przewodniczył „nasz” prefekt z Guarani. To niezwykle inteligentny, skromny i sympatyczny człowiek, znam go od lat. Usiadłem obok niego i zacząłem wstuchiwać się w wystąpienia jego odpowiedników z sąsiednich miejscowości. Poza Guarani das Missões, nie ma w okolicy innych miejscowości polonijnych. Kolejni prefekci poruszali wyłącznie temat głębokiego kryzysu w regionie. Wszyscy mówili o wielomilionowych długach ich gmin i braku środków na inwestycje infrastrukturalne, spłatę kredytów, a nawet regularną wypłatę wynagrodzeń urzędników. Powtarzał się apel, aby wspólnie wystąpić do rządu federalnego o ratunek i dodatkowe środki finansowe. Zaniepokojony tymi wystąpieniami szturchem lekko w łokieć siedzącego obok mnie prefekta Guarani das Missões,

– panie prefekcie, a jak wysokie jest zadłużenie Guarani das Missões?

Prefekt spojrział na mnie zdziwiony,
– panie konsulu, my nie mamy długów.

Polak potrafi! Niech żyje Guarani das Missões!

Guarani das Missões – capital polonesa dos gaúchos

Dos muitos municípios brasileiros que visitei como cônsul, tenho um carinho especial por Guarani das Missões. Esse é um lugar único no mapa polônico do Brasil. Os primeiros colonos chegaram lá em 1891. Com o tempo, Guarani das Missões se tornou a maior comunidade polonesa em toda a região das Missões. Vale ressaltar que a região possui uma rica história e vários monumentos relacionados às chamadas "Missões Jesuítas" – assentamentos indígenas guaranis administrados pelos jesuítas no início do século XVII até meados do século XVIII. O nome Guarani das Missões remete a essa história.



Defilada otwierająca "Polfest" w 2012 r. (Desfile de abertura da "Polfest" em 2012). Foto: Divulgação

INTERNACIONAL

Guarani das Missões conta atualmente com aproximadamente 9.000 habitantes, dos quais cerca de 80% são descendentes de colonos poloneses. A economia é baseada na agricultura. Desde que Guarani das Missões virou município em 1959, o poder executivo é exercido por muitos partidos, da direita à esquerda, mas um fato permanece: todos os prefeitos eleitos são de origem polonesa. Não há outro município no Brasil que possa se orgulhar de tal coisa. Durante muitos anos, um médico formado na Polônia tem trabalhado no centro de saúde da cidade assim como em outras áreas vários licenciados e ex-alunos de universidades polonesas. O município também é único em termos de ensino de língua polonesa em todas as escolas. Provavelmente um professor da Polônia vá ajudar em breve no ensino desta língua. Guarani das Missões recebe regularmente a maior festa da diáspora polonesa no Brasil – a “Polfest”. É um grande evento cultural e folclórico, combinado com uma exposição agrícola e de artesanato, durante o qual acontecem outras realizações regionais significativas.

Apesar de a distância entre o consulado em Curitiba e Guarani das Missões ser de 800 quilômetros (algum tempo atrás haviam estradas precárias que atualmente ainda deixam muito a desejar), sempre insisti em participar da “Polfest”. Chegar lá era um sacrifício: saída de Curitiba às 4h00 da madrugada para chegar ao destino antes do anoitecer, dirigindo sozinho o carro. Em uma das minhas primeiras viagens, buracos no asfalto me fizeram estragar três pneus. Durante outra, uma tempestade tropical de granizo e poças profundas me mantiveram parado na estrada por várias horas. Aventuras não faltaram.

A história que quero contar hoje aconteceu durante um dos eventos que acompanharam a “Polfest” há alguns anos. Fui para Guarani e assim que cheguei me convidaram para um encontro com os prefeitos da região de Missões. A reunião foi presidida pelo “nosso” prefeito de Guarani. É um homem muito inteligente, modesto e simpático, conheço-o há anos. Sentei-me ao seu lado e ouvi os discursos de seus colegas dos municípios vizinhos. Além de Guarani das Missões, não há outros significativos assentamentos polônicos na área. Sucessivos prefeitos discutiam apenas a profunda crise na região. Todos falavam das dívidas milionárias de seus municípios e da falta de recursos para investimentos em infraestrutura, reembolso de empréstimos e até pagamento regular de salários de funcionários. Houve um apelo repetido para solicitar em conjunto resgate e financiamento adicional ao governo federal. Preocupado com esses discursos, cutuco de leve o cotovelo do Prefeito de Guarani das Missões sentado ao meu lado:

– Senhor Prefeito, qual é a dívida de Guarani das Missões?

O prefeito me olhou surpreso:

– Senhor Cônsul, nós não temos dívidas.

O polonês dá um jeito! Viva Guarani das Missões!

Marek MAKOWSKI

Nascido em Varsóvia, formado em economia pela Escola Geral de Planejamento e Estatística da mesma cidade. Em 1979 iniciou a carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores da Polónia. Cônsul em Curitiba nos anos 1986-1991; 1995-2001; 2012-2018. Nos anos 2004-2008 foi Embaixador da República da Polónia no Panamá. Condecorações brasileiras: “Ordem do Pinheiro” do Estado do Paraná; “Cidadão Honorário” de Curitiba, Iratí/PR, e Áurea/RS.

VERSO (ES) TROVA

Verso (Es) Trova

Babcia i dziadek, quem é que não tem?

*Todos nascemos de alguém
nascida de outros também.*

Babcia i dziadek, quem é que não teve?

*Ninguém. Uma geração à anterior sucede
e, com o passar dos anos, parece tão breve.*

Babcia i dziadek, quem não é, ainda será?

*Isto depende do rumo que a vida tomar,
e só o tempo dirá.*

Babcia i dziadek, já foram pequenos?

*Ainda ontem brincamos, pulamos, corremos...
A cada dia vivido, crescemos.*

Babcia i dziadek, alguma vez choraram?

*Da alegria, dor ou saudade que marcaram
os caminhos aonde nossos pés levaram.*

Babcia i dziadek, serão para sempre?

*Tudo passa, mas, lá para frente,
ainda seremos, toda vez que você lembre!*

(Em memória de Isabel e Emilio Boçon.

Irmãos, pais e avós, que tão cedo partiram).



Família Kocholi em Tindiquera, Araucária. Verônica e Vitória, Isabel, Rosália e Leonardo, tios e sobrinha, crianças que se tornaram avós. (Foto: Acervo de José Boçon, 1953).

Claudio BOCZON

Artista plástico, poeta e polaco – não necessariamente nesta ordem. Sua produção é criada a partir de elementos, histórias e memórias remanescentes do passado ou encontradas no cotidiano.

Um príncipe polonês no Paraná

Muitos não sabem, mas o Paraná foi o lar de um príncipe polonês: o príncipe Andrzej Lubomirski, que nasceu em 22 de julho de 1862 em Przeworsk, na Polônia, e morreu em 29 de novembro de 1953 em Jacarezinho, no Paraná.

Filho mais velho do príncipe Jerzy Henryk Lubomirski e Cecylia Zamoyski, irmão do primeiro embaixador da Polônia nos Estados Unidos o príncipe Kazimierz Lubomirski. Teve quatro filhos: Helena Maria, Jerzy Rafał, Teresa Izabela e Maria Innocent.

Sua propriedade chegava a 4.440 hectares, possuía mais de 900 cabeças de gado e mais de 70 ovelhas, sendo considerada a mais bem administrada e desenvolvida da Galícia, curiosamente o estilo de sua residência se espelhava no classicismo inglês.

Foi um nobre polonês muito importante em sua época, organizou exposições apresentando as obras de artistas poloneses, entre outros com temas como pintura polonesa, fotografia e arte popular.

Embora tenha feito doutorado em direito em Praga, era um homem de hábitos simples, pois muitas vezes passeava com seus cães nos campos de Przeworsk pela manhã. Organizou importantes cerimônias, como a homenagem ao nascimento do poeta Ignacy Krasicki em 1935, foi também presidente da Sociedade de Belas Ar-

tes em Lviv. Além de contribuir com a Sociedade da Música em Lviv, também deu sua contribuição para o desenvolvimento da indústria local, dirigindo uma fábrica de equipamentos de destilaria. Lançou e ampliou casas de impressão, além de renovar suas coleções e ser membro de várias organizações econômicas.

No período entre guerras, foi o presidente e fundador da Sociedade Małopolska Fábrica de Açúcar, a maior fábrica de açúcar da Galícia. Atuou também no investimento ferroviário, como nas linhas ferroviárias com a Hungria. Era um dos principais acionistas de uma fábrica de produtos de borracha em Bydgoszcz. Foi um importante político, eleito deputado em 1898, era o líder da facção conservadora. Em 1915 ele se tornou presidente do Comitê de Trabalho, que ajudava a população polonesa atingida pelos efeitos da guerra. Apoiou a criação das Legiões Polonesas ao lado da Áustria-Hungria.

No final de outubro de 1918, ele participou da reunião de deputados no Conselho de Estado, com os quais assinou uma resolução sobre a adesão da Galícia à Polônia. Em 1919 foi um dos delegados poloneses na conferência de paz em Paris. No período entre guerras dirigia uma sociedade que investia na construção e desenvolvimento de fábricas de açúcar. Durante a Segun-

da Guerra Mundial, em 1940, aos 74 anos, faleceu a duquesa Eleonora, após 55 anos de casamento. Após o fim da guerra, o príncipe viúvo emigrou para o Brasil, fugindo dos nazistas, vivendo até 1953 em Jacarezinho, onde faleceu de causas naturais aos 91 anos.

Seu corpo foi sepultado no cemitério da cidade, e passou despercebido por anos até que uma professora chamada Terezinha Franco percebeu que em sua lápide estava escrito a palavra "Prince". Logo um jornalista da cidade entrou em contato com a Polônia e obteve importantes dados sobre a vida do príncipe. Fabiano Oliveira foi possivelmente o primeiro brasileiro a escrever sobre essa incrível história depois de tantos anos, no seu importante artigo intitulado "Um príncipe polonês em Jacarezinho".

Ajudado por membros da família imperial brasileira, esse polonês de vida tão incrível terminou seus dias desconhecido pela maioria dos habitantes da cidade que o acolheu, encontrou abrigo no Brasil, o mesmo destino de tantos imigrantes poloneses no Paraná, o estado brasileiro que mais acolheu a nação que deu ao mundo Chopin, Marie Curie, João Paulo II e Copérnico.

Rudinei CAMPRA

Professor de História pelo Estado do Paraná, tradutor, pesquisa temas da imigração. (lbaiti/PR)

LITERATURA

Jerzy Ficowski (1924-2006) foi um importante poeta, tradutor e ensaísta polonês, soldado do Levante de Varsóvia, prisioneiro dos campos alemães, membro da oposição democrática contra o regime comunista na Polônia. Ficowski foi também especialista em folclore cigano e judeu e na vida e obra de Bruno Schulz. Graças a seu trabalho foram resgatadas algumas obras do autor. No Brasil foi publicado até agora seu livro *A leitura das cinzas* (Áyiné, 2018), talvez o mais importante volume poético de um poeta polonês dedicado integralmente ao tema do Holocausto.

Tradução: **Piotr KILANOWSKI**

Jerzy Ficowski



Jerzy Ficowski, (Fot.: Bartosz Pietrzak)

Fonte da imagem: <https://ownetic.com/news/2014/08/28/lewe-strony-widokow-90-urodziny-gerzy-ficowski-kino-atlantic-warszawa/>

 LITERATURA
Dziadek - Jerzy Ficowski

moim Wnukom – Filipowi i Lolkowi

Dziadka oglądać
najlepiej w półmroku
gdzie chowają się w cieniach
całe sterty lat
i ani jeden
rok nie wystaje

to wymaga wysiłku
trzeba się bardzo zmrużyć

wszelako najpierw
trzeba dostrzec dziadka
dziadek pomoże
swym podwójnym chrząknięciem
którym zakorzenia się w sobie
utwierdza w istnieniu

zatem zmierzajmy za tym głosem
bo dziadek się składa
głównie z niewidzialnego
i w sto dioptrii
nie dogoni

chyba że sam
udostępni nam i obnaży
swe z trudem czytelne
palimpsesty

on jest on był i będzie
zanim nastanie pora
gdy odchodzą dziadkowie
coraz dalej
aż po horyzont z którego
osuwają się laboga
spadają prosto w zaświaty
próżno wołając
o jakiś płot
iżby się o coś oprzeć
utrzymać doczesność czyli
równowagę

Aliści dziadek ten nasz
wybryk genealogii
nie chce Chce inaczej
Zostaje
jakby był swoim wnukiem
właśnie zagalopował się
o paręset lat z okładem
całą przeszłość mając
panie dobrodzieju
za swoją
tyle że leżącą odłogiem
gdzie jeszcze trudniej
zobaczyć go zwłaszczą
kiedy już nie jest
tym trzecim
jak dziadkowie mieli w zwyczaj
ale mną
mną
MNĄ

O avô - Jerzy Ficowski

para meus Netos – Filip e Lolek

O avô
é melhor ser observado na penumbra
onde se escondem nas sombras
várias pilhas de anos
e nem um
ano se sobressai

isso exige um esforço
é preciso se franzir bastante

no entanto primeiramente
é preciso enxergar o avô
o avô ajudará
com seu duplo pigarro
com o qual se enraíza em si
se afirma na existência

sigamos portanto aquela voz
pois o avô se compõe
em grande parte do invisível
nem a cem dioptrias por hora
pode-se alcançá-lo

a não ser que ele mesmo
compartilhe conosco e desnude
seus palimpsestos
mal legíveis

ele é ele foi e será
antes de chegar a época
quando partem os avós
para cada vez mais longe
até o horizonte do qual
deslizam vixemaria
caem direto no além
em vão gritando
por uma cerca
para poder apoiar-se em algo
manter a temporalidade ou seja
o equilíbrio

Conquanto esse nosso avô
uma travessura da genealogia
não quer Quer de outro jeito
Fica
como se fosse seu próprio neto
acabou de avançar demais
algumas centenas de anos com sobra
tomando todo o passado
meu caro senhor
como seu
só que ficou de pousio
onde é ainda mais difícil
enxergá-lo ainda mais
quando já não é
aquele terceiro
como era costume dos avós
mas eu
eu
EU

Literatura

Simpósio Temático

O PLANETA LEM

Leituras, Estudos, Meditações

O evento tem como objetivo apresentar pesquisas e leituras da obra do escritor polonês Stanisław Lem (1921-2006) no ano do centenário de seu nascimento. Lem é geralmente identificado com o gênero de ficção científica, mas foi também filósofo, futurólogo e crítico literário, além disso, é o escritor polonês mais traduzido no mundo. O simpósio reúne estudiosos de várias universidades brasileiras que discutirão sua obra.

Formato: Encontros On-line via Youtube.
 Datas: 02, 10, 16, 17, 24 e 30 de junho de 2021.
 Horário: das 19 às 21 horas.
 Inscrições via Formulário até 02/06/2021.

Simpósio Planeta Lem

O Curso de extensão universitária da UFPR, **Encontros com a poesia polonesa** está acontecendo desde 25/02 até 15/12/2021. O curso é ministrado pelo professor Piotr Kilanowski e promovido pelo Curso de Letras Polonês, Centro de Estudos Poloneses, Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, Observatório Polonês da Unespar e Clube Literário Władysław Reymont, com o patronato institucional do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba. Seu objetivo é apresentar e discutir autoras e autores importantes da poesia polonesa em tradução por meio de encontros mensais dedicados à leitura e interpretação de poemas. Os encontros que aconteceram até agora, bem como os planejados até o fim do ano podem ser conferidos pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLiQe1fMZ4rR-slqHycAEhz9M3PvY3iTTT>

Ao longo de mês de junho aconteceu Simpósio Temático "O Planeta LEM", sobre a obra do escritor polonês Stanisław Lem, promovido pelo Curso de Letras Polonês, Centro de Estudos Poloneses, Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, Observatório Polonês da Unespar, Kurytybski Klub Studenta e Clube Literário Władysław Reymont, com apoio da Secretaria

Municipal da Cultura de Porto União/SC e o patronato institucional do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba. O evento foi coordenado pelo professor Piotr Kilanowski (UFPR) contando com colaboração de Milena Waitovicz Cardoso (aluna do Curso de Letras Polonês), Alcimara Foetsch (UNESPAR) e Ludmiła Pawlowski (CLWR). Apresentaram-se no evento os professores e as professoras: Piotr Kilanowski (UFPR), Karim Siebeneicher Brito (UNESPAR), Izabela Drozdowska Broering (UFSC), Olga Guerizoli Kempinska (UFF), Henryk Siewierski (UnB) e Ivan Eidt Colling (UFPR) junto Rita Mara de Moraes (UFPR) bem como os alunos do Curso de Letras Polonês da UFPR: Adriano Fonsaca, Fabiana Gramonski, Regina Pimentel e Marcos Nogas. As palestras e comunicações do evento transmitidas ao vivo podem ser conferidas pela playlist:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLiQe1fMZ4rR9ZbWOAKIyujsPmSNZNNqFo>.

O evento contou também com a leitura dramática de "Solaris" de Lem feita pelos membros do Clube Literário Władysław Reymont que pode ser conferida no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=kZd2hZ1sdCo>

A revista Qorpus (PGET - UFSC) está recebendo contribuições para o **Dossiê temático "Literatura e cultura polonesa"**, que será publicado em abril de 2022. A edição especial está a cargo de Piotr Kilanowski (UFPR), Izabela Drozdowska-Broering (UFSC) e Milena Waitovicz Cardoso (UFPR). Serão aceitas contribuições em formato de artigo científico, ensaio, tradução (comentada ou não), resenha ou entrevista que possam compor o número e que estejam tratando de assuntos relevantes relacionados com o tema do dossiê. Submissões de textos em espanhol, inglês ou português devem ser enviadas para cepol.ufpr@gmail.com até 01 de dezembro de 2021.

Previsão de publicação: abril de 2022. Maiores informações:

https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2021/07/Dossi%C3%AA-tem%C3%A1tico_Literatura-e-cultura-polonesa.pdf

Piotr KILANOWSKI

É tradutor de poesia, professor de literatura polonesa no curso de Letras Polonês da UFPR e coordenador do Centro de Estudos Poloneses na mesma instituição.

Olá Polônia

O programa "Olá Polônia", em sua 33ª edição, mostrou a reportagem feita pelo jornalista Oskar Plonka sobre o TAK! na Casa da Cultura Polônia Brasil, em Curitiba/PR, no mês de junho deste ano. Confira nos links:

<http://poloniabrasil.org.br/?p=2515>

<https://polonia.tvp.pl/54407544/nowy-numer-biuletynu-tak-z-kurytyby>

Obs. Em função das medidas sanitárias impostas pela pandemia, não puderam estar presentes à entrevista, todos os componentes do TAK!

 AQUI MAR DEL PLATA

Dzień Flagi Rzeczypospolitej Polskiej - Dia da Bandeira da República da Polônia

Poloneses em Mar del Plata, Argentina, celebram o Dia da Polônia e dos Poloneses no estrangeiro

Con mucha alegría la colectividad polaca de Mar del Plata recibió la noticia de ser premiada en el concurso "Polska to dla mnie...". El concurso, organizado con motivo del Día de la Diáspora Polaca y de los Polacos en el Extranjero por Stowarzyszenie Wspólnota Polska y Polonijna Agencja Informacyjna SWP", fue recibido con gran interés en la comunidad polaca de todo el mundo.

De los más de 1.100 trabajos presentados, fueron escogidos 216, de los cuales 40 fueron galardonados con los premios en distintas categorías. Los trabajos premiados fueron presentados en la Gran Final del concurso en la sala de Casa de la Diáspora Polaca en Varsovia, contidos em:

<https://www.youtube.com/watch?v=V0xmL05GkEs>.

Eduardo Román SZOKALA

Vive em Mar del Plata e é colunista de *Głos Polski*, Buenos Aires - Argentina.



Jovens da comunidade de Mar del Plata com a bandeira polonesa. Foto: Divulgação

 VOZ DO LEITOR

Nasci em Curitiba e sempre morei na terra concedida aos meus bisavôs maternos, no período das primeiras imigrações polonesas ao Paraná. Sou neta de polono-brasileiros. Infelizmente, não conheci meus avós polacos, pois quando nasci, em 1970, eles já haviam partido deste plano. Mas eu sempre os tive muito presentes, suas pegadas nunca se apagaram deste território físico e sutil. As sementes aqui plantadas ainda geram frutos nesta terra próspera e abundante. E meu coração sempre encontra o alimento que precisa. Honro a generosidade e a integridade dos meus entes queridos e deste povo que admiro profundamente.

Me enche de alegria o trabalho primoroso realizado para manter o TAK, com o intuito de preservar e difundir a cultura e a história

polonesa. Parabéns, Izabel Liviski e toda equipe! Este espaço criado pelo informativo é fundamental não só para a comunidade polonesa, pois o conhecimento e o saber ampliam nossa visão de mundo e definitivamente contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, a qual tanto desejamos.

Saber que o aniversário deste importante e necessário veículo de comunicação coincide com a data que se comemora o Dia da Constituição da Polônia - 3 de maio, me encheu de orgulho e só confirma a vocação do jornalismo que é promover a democracia. Me emocionei ao lembrar a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil, em 1980, na entrevista da edição comemorativa com a Cônsul Geral da República da Polônia em Curitiba, Marta Olkowska. Sim! Confirmando, foi um momento marcante para os po-

loneses e seus descendentes. Eu tinha 10 anos e ao lado da minha mãe querida participei dos eventos, inclusive madrugando no Centro Cívico para ver a missa celebrada pelo Papa. Foi um momento realmente inesquecível. A fé deste povo me toca e por meio dela aprendi a ver além do que os olhos alcançam. Poloneses realmente me emocionam e sabemos que nossa conexão tem raízes fortes e profundas.

Grata pelo TAK! pela partilha e pelo prestígio ao povo polonês.

Contato:

[<glauciadomingos@hotmail.com>](mailto:glauciadomingos@hotmail.com)

Glaucia DOMINGOS

Jornalista e atriz, com Pós-Graduação em Comunicação Audiovisual pela PUCPR. No teatro atua há 24 anos e no jornalismo desde 1990. Coordena sua própria Assessoria de Imprensa especializada na Área Cultural.

Avós, nossa referência



São Joaquim e Santa Ana, avós do Menino Jesus.

Fonte da imagem: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/santos/dia-de-santa-ana-e-sao-joaquim/>

Os avós/avós são uma linda viva, um sentimento envolvente a quem estamos ligados, remanescentes de uma ou várias gerações de imigrantes alemães, italianos, portugueses (açorianos), no meu caso; poloneses, como muitos dos leitores, em solo brasileiro. As vivências pessoais fortaleceram o comprometimento em dar continuidade ao “imigrante que habita em cada um”, através da afirmação vivida com avós paternos e maternos, embora nem sempre os laços fossem presenciais: muitas vezes o foram através das recordações que os pais procuraram transmitir, fortalecendo a memória afetiva.

A maioria dos adultos, hoje, conheceu/sentiu a cultura polonesa através do viver e do falar, do contar e recontar, de lembranças queridas que se perpetuaram em fotos, cartas, documentos, num retrato, num quadro na parede. Então, como ficam aquelas figuras para lá de especiais na história familiar, os avós? A própria palavra remete a uma cadeira de balanço, a uma cozinha com cheiros e sabores de infância, a figuras tão sisudas como a época em viveram, envolvendo-os numa relação de respeito, hierarquia, educação, trabalho e, sobretudo, amor.

Por isso tudo os avós são destaque nesse artigo para o TAK! que na presente edição lembra pessoas importantes na vida de tanta gente.

Eles são considerados referências familiares e quero destacar que encontrei menção a alguns nomes nos registros do Livro dos Batizados: Brusque, 1869-1876. Arquivo Histórico Eclesiástico da Cúria Metropolitana, Florianópolis/SC:

1. **Estevão Simiovski:** neto paterno de Urbano Sieniovski e Maria Nastek (25.08.1869);

2. **Izabella Kokott:** neta paterna de Jacob Kokot e de Agnes Kannia, neta materna de Johan Gebur e de Francisca Pampuok (14.11.1869);

3. **Juliana Gebur:** neta materna de Sebastiano Gebur e de Narbara Solasch (04.01.1870);

4. **Sophia Motzko:** neta paterna de Braz Motzko e de Maria Makiotka, neta materna de Bernardo Hemmen e de Angela Jasperse (24.12.1870);

5. **Pedro Purkott:** neto paterno de Pedro Purkott e de Catharina Waldera, neto materno de Christiano Skroch e de Maria Kretschmer (29.05.1871).

As referidas crianças nasceram na então Colônia Príncipe Dom Pedro, futura Brusque/SC, local da chegada dos primeiros imigrantes poloneses ao Brasil. A colônia encontrava-se distante, à época, cerca de 30 dias de viagem da aldeia polonesa de Siolkowice – local de emigração dos seus pais, cujos pais (os avós em questão, citados no Livro dos Batizados) devem ter ficado com uma saudade enorme, pois a perspectiva de verem seus filhos retornarem à Polônia era tão impossível quanto a própria distância interoceânica entre os dois continentes: Europa e América do Sul (cujo retorno, de fato, nunca aconteceu).

Avós! Palavra mágica que expressa um carinho especial. Isso levou muitos governantes de países a criarem um dia a eles dedicado. No Brasil é a 26 de julho, dia em que a Igreja Católica celebra Santa Ana e São Joaquim – pais de Maria e avós do Menino Jesus. Por coincidência, a Igreja do Abranches, no bairro do Abranches, em Curitiba (cidade que recebeu, em setembro de 1871, os poloneses transmigrados de Brusque), um dos principais núcleos de colonização polonesa no rocio curitibano, é dedicada a Santa Ana.

A história de celebração dessa data festiva foi lembrada, na Polônia, com um Doodle especial pelo Google, em 21.01.2009 (by Renê Fraga, Google Discovery, posted on: 21.01.2009). A

imagem tornou-se um desenho simpático e continua agradando pela forma carinhosa e sugestiva com que contempla os avós poloneses. É bom lembrar que na Polônia o Dia da Avó (*Dzień Babci*) é comemorado em 21.01. Já o Dia do Avô (*Dzień Dziadka*) é celebrado um dia depois, a 22.01 (fonte: Wikipédia).

Ainda no pontificado do polonês Papa João Paulo II – depois Santo – a página da cnbb.org.br destacou a sua fala aos participantes do Fórum Internacional sobre Envelhecimento, em 1980: “As pessoas mais velhas, por sua sabedoria e experiência, fruto de uma vida, entram numa fase de extraordinária graça, abrindo-lhes novas oportunidades de oração e de união com Deus”, numa clara referência aos avós.

Já na atualidade, o Papa Francisco anunciou a criação do dia Mundial dos Avós e dos Idosos, na Igreja Católica Apostólica Romana, a ser comemorado no quarto domingo de julho pela comunidade católica em todo o mundo. Que os netos/netas possam acolher com alegria e afeto os avós – pessoas fundamentais na História de todos nós. Afinal, o polonês/polonesa que habita em ti um dia também habitou um ancestral.

Por conta de minha ascendência italiana paterna através da minha “ômama” Adelaide Diegoli (era costume chamá-la assim, não “nonna”, como é o correspondente italiano; em terra cuja maioria era alemão, como Brusque, fazer o quê?), eu e um grupo de vinte e um descendentes da “ômama” conseguimos a cidadania italiana. Se não tenho lembranças de Adelaide, pois ela faleceu no ano em que nasci, guardo, com zelo, uma sopeira que lhe pertenceu, depois ao meu pai – seu filho – e agora é minha. Sendo assim, toda uma trajetória de vida, como a minha, a tua, caro leitor, passa pelas conquistas de nossos antepassados, transformando nossas lembranças em registros memoráveis sobre pessoas especiais: os AVÓS!!

Maria do Carmo Ramos KRIEGER

Tenho avós de diversas origens: italiana, alemã, portuguesa (açoriana) e brasileira. Ao contrário do que muitos pensam, não possuo ascendência polonesa, a não ser no coração, pelo respeito e admiração que os poloneses souberam tecer à própria volta, em Brusque, onde nasci e vivi um bom par de anos.

Plural dos substantivos

O plural dos substantivos em polonês se forma de acordo com as regras que sintetizamos abaixo:

1. Todos os femininos e os masculinos que denotam coisas ou animais:

-e (após consoantes brandas – ć, dź, ń, ś, ź, j ou funcionalmente brandas – c, cz, dz, dź, sz, rz/ż, l):

liść	liście	folha
koń	konie	cavalo
olej	oleje	óleo
noc	noce	noite
klucz	klucze	chave
parasol	parasole	guarda-chuva

-y (após outras consoantes, chamadas duras):

cytryna	cytryny	limão
numer	numery	número
kwiat	kwiaty	flor
siostra	siostry	irmã

-i (substantivos com radical em -g ou -k e femininos terminados em -ć, -ś):

pociąg	pociągi	trem
noga	nogi	perna
bajka	bajki	fábula
gęś	gęsi	ganso

2. Masculinos pessoais:

-e (terminados em consoante branda ou funcionalmente branda, como no item 1. acima):

gość	goście	hóspede
dziennikarz	dziennikarze	jornalista
stróż	stróże	guarda
nauczyciel	nauczyciele	mestre, professor

-i ou -y (terminados em outras consoantes, com alternâncias no radical):

student	studenci	estudante
sąsiad	sąsiedzi	vizinho
kolega	koledzy	amigo, colega
Francuz	Francuzi	francês
Brazylijczyk	Brazylijczycy	brasileiro
Polak	Polacy	polonês

-owie (substantivos que denotam cargo, função, relações de família etc. e certas nacionalidades):

profesor	profesorowie	professor
pan	panowie	senhor
syn	synowie	filho
Arab	Arabowie	árabe
Belg	Belgowie	belga

3. Neutros (isto é, terminados em -e, -o, -um, -ę):

-a (terminados em -e, -o, -um):

miejsce	miejsca	lugar
miasto	miasta	cidade
muzeum	muzea	museu

-ęta ou -ona (terminados em -ę):

zwierzę	zwierzęta	animal
imię	imiona	nome

Particularidades

a) É comum a queda da vogal e em substantivos com terminações do tipo -ec, -ek, -eń, -er etc.:

chłopiec/chłopcy - menino; **widelec/widelce** - garfo; **ołówek/ołówki** - lápis; **uczeń/uczniowie** - aluno; **minister/ministrowie** - ministro etc.

b) Com frequência ocorre a transformação de ó em o:

stół/stoły - mesa; **kościół/kościoly** - igreja; **pokój/pokoje** - quarto etc.

c) Alguns substantivos têm formas irregulares, que se afastam das regras acima:

człowiek/ludzie - pessoa, ser humano; **dziecko/dzieci** - criança; **oko/oczy** - olho; **ucho/uszy** - orelha; **ręka/ręce** - braço; **rok/lata** - ano; **dzień/dni** ou **dnie** - dia; **tydzień/tygodnie** - semana; **gałąź/gałęzie** - galho; **osioł/osły** - burro; **brat/bracia** (irmão); **mąż/mężowie** - marido; **ksiądz/księża** - padre; **wieś/wsi** ou **wsie** - aldeia; **ząb/zęby** - dente; **Amerykanin/Amerykanie** - americano; **Hiszpan/Hiszpanie** - espanhol; **Węgier/Węgrzy** - húngaro; **Włoch/Włosi** - italiano

d) Há substantivos que só se usam no plural (em latim chamados pluralia tantum):

drzwi - porta; **lody** - sorvete; **okulary** - óculos; **plecy** - costas; **schody** - escada; **spodnie** - calça(s); **urodziny** - aniversário (= birthday); **usta** - boca; **Chiny** - China; **Czechy** - Chéquia; **Niemcy** - Alemanha; **Węgry** - Hungria; **Włochy** - Itália etc.

Mariano KAWKA

Professor, tradutor, lexicógrafo. Licenciado em Letras Português-Inglês pela PUC-PR e Mestre em Língua Portuguesa pela mesma Universidade.
Autor do Dicionário Polonês-Português/Português-Polonês, publicado em 2015 no Brasil (Porto Alegre) e na Polónia (Varsóvia).

A religiosidade nos peraus do Rio das Antas

Imigrantes poloneses marcaram presença entre a maioria de italianos na região do atual município de Cotiporã – RS (distante 155 km de Porto Alegre). Uma leva chegou em 1886 e outra em 1890. Ao todo, trinta famílias de poloneses foram destinadas ao lugar, recebendo terras na Linha 14 de Julho, 8ª Seção¹. Receberam as piores terras que havia, ao longo do Rio das Antas, em seu lado direito: terras nas encostas dos morros cobertos de mato – verdadeiros peraus²; havia somente pequenas áreas planas, em geral próximas ao rio, onde levantaram barracas de lona e assim se abrigaram por um tempo; mais tarde, construíram rústicas casas de madeira. Desenvolveram a agricultura de subsistência, com roças de milho, feijão, trigo e fava, cujas sementes buscavam inicialmente em Porto Alegre. O rio, que lhes possibilitava a pesca, e o mato, que lhes possibilitava a carne de animais, além de frutas e sementes (como o pinhão), foram importantes para a sobrevivência inicial. Mais tarde, passaram a desenvolver outras culturas: frutas cítricas, melões, mamões e também uma crescente produção de uva.

Um pequeno lugar plano perto do rio foi escolhido para a construção de uma capela, que se assemelhava a uma pequena casinha de tábuas; no seu interior, sobressaía-se a figura de São Casemiro, emoldurada em um quadro. Próximo à capela, abriram espaço para um cemitério e construíram uma escola. Isto ocorreu no ano de 1897.

O quadro de São Casemiro que se encontra na capela tem uma história curiosa. Anastácia Gromowski trouxe da Polônia fotos de São Casemiro (Linha 14 de Julho, 8ª Seção), de Nossa Senhora do Rosário (Linha 14 de Julho, 8ª Seção) e de Nossa Senhora da Natividade (Faria Lemos, 3ª Seção). Para conseguir trazer estas fotos, ela as enrolou em panos velhos e sujos para poder passar pela fiscalização. A partir das fotos, foram feitos os quadros que estão nas capelas das comunidades.

Mas a adversidade se apresentava também neste ponto: não havia padre que falasse ou entendesse o polonês para atendê-los. Há um exemplo que caracteriza a situação: a polonesa Maria Stormowska faleceu no ano de 1900. No seu Atestado de Óbito está escrito: “Não foi confessada porque era polonesa. Sepultada sem acompanhamento do sacerdote, em São Casemiro” (KOZOWSKI, *Dois Registros*, Bento Gonçalves: Edição do Autor, 2007, p. 75). Às vezes, deslocava-se um padre da Colônia Santa Tereza – distante 40 km da Linha 14 de Julho -, que percorria o trajeto a cavalo. Mais tarde, o padre José Bardin, que aprendeu o polonês, passou a visitá-los; o padre Bardin, justamente por falar e entender o polonês, era muito requisitado por todos os núcleos de colonização polonesa na grande região da serra gaúcha. Ele era conhecido como “o padre dos poloneses”.

Interessante anotar que a Linha 14 de Julho ladeia o Rio das Antas, pelo lado direito, e “percorre” os municípios de Veranópolis e Cotiporã (além de muitos outros); nas terras de

Veranópolis, a capela é dedicada a Nossa Senhora do Rosário; em Cotiporã, a São Casemiro.

Outra adversidade apareceu. Foi levantada uma barragem para geração de energia elétrica no Rio das Antas, justamente naquela parte da Linha. As águas da Barragem 14 de Julho chegariam até a capela São Casemiro. Em razão disso, a comunidade foi obrigada a construir outra, mais para cima do morro. Decidiram que a construção devia lembrar a Polônia. O vice-presidente da Braspol para o RS, Sr. André Hamerski, colaborou efetivamente para que a construção tivesse traços que lembrassem a pátria-mãe. A nova construção foi erguida no estilo de Zakopane e inaugurada em março de 2008, com uma grande festa, abrilhantada pela vibrante dança do Grupo Kalina, de Nova Prata.

Atualmente a Comunidade São Casemiro possui uma excelente estrutura física, com igreja e cemitério construídos com fortes referências à cultura polonesa, além de um amplo salão comunitário. Residem nela 14 famílias, a maioria descendentes de poloneses. Os sobrenomes que ainda se encontram são: Wons, de Oliveira, Mieczykowski, Romanatto, Vicari, Belizki, Antunes e Gromowski. Os mais idosos cultivam a língua em seus encontros; os mais jovens se esforçam neste sentido, com aulas ministradas pela Sra. Vanda Stolarski Hameski, que, uma vez por semana, se deslocava de Nova Prata (distante 50 km da Comunidade São Casemiro) para ensinar a língua. Com a pandemia, a atividade foi suspensa.

A comunidade realiza todos os anos uma festa em honra ao Padroeiro, São Casemiro, e ao Papa João Paulo II. Uma vez por mês é celebrada a missa; e o terço é realizado todos os domingos e feriados, além de cultos uma ou duas vezes ao mês.

Por ser um marco da colonização polonesa, e no intuito em preservar esta cultura, a comunidade vinha reivindicando à Administração Pública Municipal a construção de um Pórtico em seu principal acesso. Atendendo a essa demanda, em março de 2020 iniciaram-se as obras de construção do referido Pórtico, com



Pórtico do município de Cotiporã (Fonte da imagem: www.cotipora.rs.gov.br)


COMUNIDADES POLÔNICAS PELO BRASIL

total referência à arquitetura polonesa, fazendo alusão aos imigrantes poloneses que se instalaram em Cotiporã há mais de 130 anos e contribuíram com o crescimento da região e do município. O projeto foi desenvolvido pelo setor de Engenharia e Arquitetura da Prefeitura Municipal, levando em consideração as características típicas da região de Zakopane, cidade turística no Sul da Polônia e na base das Montanhas Tatra, assim como a capela.

Não houve festa de inauguração do Pórtico – devido à pandemia do coronavírus – mas a comunidade se orgulha do mesmo, como se orgulha de sua capela, pois são a demonstração concreta da presença polonesa no lugar.

(As informações foram prestadas por Bruna Tres, Coordenadora de Turismo de Cotiporã - RS, e também por

Fernanda Belizki e Fernando Belizki, membros da Braspol – Comunidade São Casemiro.)

Notas:

¹ Denominação correspondente a léguas, que identificava e localizava as terras entregues aos imigrantes.

² Peraus (plural de perau): barrancos íngremes, declive forte que dá para um rio ou arroio. No caso do texto, os peraus são constituídos por altos morros cobertos de mata, que ladeiam lado a lado o Rio das Antas.

Iraci José MARIN

Professor, tradutor, lexicógrafo. Licenciado em Letras Português-Inglês pela PUC-PR e Mestre em Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Autor do Dicionário Polonês-Português/Português-Polonês, publicado em 2015 no Brasil (Porto Alegre) e na Polônia (Varsóvia).


FUNDAÇÃO JOSÉ WALENDOWSKY

Há 80 anos descendentes de poloneses levaram o primeiro veículo a Vidal Ramos



Félix Walendowsky com o Ford A-28, no dia 18 de maio de 1941 em Vidal Ramos. (Acervo da Família).

Em 18 de maio de 1941, portanto há 80 anos, os descendentes de poloneses José Walendowsky e Felix Walendowsky levaram o primeiro automóvel à cidade de Vidal Ramos. Para percorrer a distância de 78 km entre Brusque e Vidal Ramos, José e Félix se utilizaram de um automóvel Ford A-28, de propriedade de Félix, que na época era representante comercial das Casas Pernambucanas. José era agente florestal.

O caminho era muito difícil. A estrada muito precária.

Vários trechos eram apenas picadas abertas pelos colonos à base de pás, picaretas e enxadas. Em várias ocasiões, o automóvel teve que ser guinchado por bois e cavalos, para que os dois intrépidos descendentes pudessem chegar ao seu destino. José e Félix eram filhos de Franciszek e Anastácia Walendowsky. Franciszek era o segundo filho de Michał Walendowsky e Alvina Rotalsky Walendowsky. Michał e Alvina deixaram a Polônia em 1890, junto com Franciszek, Antoni e Stefan.

O destino inicial do casal e filhos era a Austrália. Na Alemanha, conheceram uma outra família que estava a caminho do Brasil. Eles então resolveram mudar os planos e acompanharam os novos amigos. Chegando ao Brasil, desembarcaram em Itajaí e seguiram para a Colônia Príncipe Dom Pedro, hoje Brusque. Ao chegarem, descobriram que não havia mais terras disponíveis próximo à sede da colônia e foram deslocados pelo Rio Itajaí Mirim para a região do Ribeirão do Ouro. Ficaram dois meses e se estabeleceram no Ribeirão da Areia, onde uma tragédia abalou a família. Stefan, com apenas 3 anos, desapareceu e jamais foi encontrado.

Emocionalmente abalados pela tragédia e pelas condições difíceis de sobrevivência, Os Walendowsky pensaram até em voltar para a Polônia. Porém, sem recursos, optaram por mudar-se para o Ribeirão do Paca, na região do Limoeiro. Durante a construção do rancho e demais instalações, Michał foi atingido por uma árvore e ficou impossibilitado de trabalhar. Alvina ficou com a responsabilidade de manter a família e foi trabalhar como cozinheira na Fábrica Renaux. Em seguida Franciszek e Antoni acompanharam a mãe. Aos poucos a família foi guardando dinheiro e adquiriram terras da Família Maluche, na região de Primeiro de Maio.

Dali os Walendowsky cresceram e empreenderam em diversas atividades empresariais, tornando-se uma das famílias de poloneses mais tradicionais da cidade.

Nilton PROENÇA

Secretário e Assessor de Comunicação da FJW.

21 dias no mar a bordo do “General Prądyński”

Seguimos com a terceira postagem sobre nossa aventura num navio cargueiro rumo à Polônia. O primeiro texto foi compartilhado no TAK! 19. Atualizamos a cada nova edição. Oceano Atlântico (Sul), agosto de 1985.

Por Everly Giller (Bibe)

...O navio tem porte médio e a tripulação é muito simpática. Estou me comunicando como posso, o inglês está ajudando e o dicionário está sempre à mão.

Os marinheiros são muito educados, achamos que isso é típico do homem polonês. Muito brincalhões também. Sinto-me à vontade com eles. O Capitão e o 3º Oficial Darek nos mostraram todo o mecanismo do navio, que fica no andar superior. Pudemos ver também alguns mapas peculiares, nos quais o Capitão nos apontou as distâncias e os percursos.

Há dois dias houve uma simulação com diversos sinais de perigo, que envolveu toda a tripulação: “fogo no navio”, “homem ao mar” etc. Tivemos que colocar os coletes salva-vidas e sair correndo para perto dos botes. Toda tripulação recebeu ordens e instruções específicas.

Senti a responsabilidade de cada um na hora de um perigo iminente, mas naquele momento só consegui achar graça da situação, pois simplesmente não entendia uma palavra do que foi falado. Tenho sempre dado boas risadas por aqui.

É um pequeno mundo ao qual já me adaptei: uma casquinha frágil flutuando em cima desta imensidão! Reflete-se muito...

A consciência de se estar no meio do oceano e não poder sair daqui é uma sensação incomum! Sempre pensei que o mar fosse bem mais tranquilo, mas possui pequenas ondas constantes e um vento fortíssimo e enérgico que nunca param.

Minha curiosidade eterna me levou a um local especial e diariamente subo até ele: a última plataforma, onde fico observando o mar.

Flutuar sentindo todo o navio abaixo dos pés é impagável!



Tripulação do navio em agosto de 1985: Tadeusz, Paweł, Everly, Darek, Dulce, Lucjan e Dante (sentado).

Notei impressionada que se pode perceber a curvatura sutil da Terra olhando fixamente em direção ao centro da linha do horizonte.

Por Dulce Osinski (Dulcyńska):

Já fizemos amizade com vários marinheiros, são nossos professores de polonês. Vou apresentar alguns deles: O Paweł foi o primeiro com quem fizemos amizade. É cozinheiro e garçom, nos serve as refeições. Tem cerca de trinta anos e cursou até o segundo ano de Direito, mas largou, pois trabalhando em navios ganha quatro a cinco vezes mais que em terra. É altão e tem cara de alemão, um dos mais quietos.

O Tadeusz, ou Tadek, é engenheiro e trabalha no “engine room”, a casa das máquinas, lugar infernal. Gosta de pintar a óleo nas horas vagas. Conhece muito sobre arte e nos emprestou dois livros de pintores poloneses para lermos na viagem, ou melhor, vermos, pois são em polonês. Todos são muito cultos e entendem de todos os assuntos. Discutem arte, música e história de nos deixar no chinelo. Conversamos mais com o Tadek e o Paweł, pois eles falam inglês melhor. Ah, o Darek também fala. Ele é o 3º Oficial e trabalha na sala de controles do navio. É bastante tímido, mas temos mantido longas conversas naquela base do dicionário. Ele trabalha na sala do Capitão e frequentemente vamos até lá ver a posição do navio, mapas estelares, etc.

Tem também o Lucjan, que é nosso professor oficial de polonês. Eles nos ensinam algumas coisas básicas: *usta* = boca, *oko* = olho, *nos* = nariz, etc..., e no dia seguinte tomam as lições. Está sendo muito bom. O Andrzej, o Mirek e outros completam a patota. Apesar de os marinheiros serem jovens em sua maioria, apenas dois não são casados. Pelas conversas, constatamos que se casa cedo na Polônia. Disseram-nos também que há mais mulheres que homens lá, pois muitos rapazes vão embora do país em busca de novas oportunidades.

Algumas noites eles nos oferecem *piwo*, mas a tomam na temperatura ambiente, o que nesse calorão não é nada agradável. São muito gentis com todos nós. À tardinha, depois do jantar, que ocorre por volta das 5 horas da tarde, nós nos juntamos a eles para jogar pingue-pongue e pebolim. Nesse último, a Bibe e o Lucjan formaram uma dupla imbatível, que ganha de todo mundo. Espero até o fim da viagem aprender esse jogo, e me transformar numa boa pebolista. Por enquanto, só levo meus companheiros para o buraco.

Pensávamos em mandar um telegrama para a família, mas custa muito caro aqui do navio. Com um dólar se pode escrever apenas duas palavras!!!

Dulce OSINSKI

Artista paranaense de Irati. Em 1983 formou-se em Pintura e Licenciatura em Desenho na EMBAP/Curitiba. Mais tarde, cursou por 2 anos o ateliê de Gravura em Metal da Academia de Belas Artes em Cracóvia/Polônia. É professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR, com mestrado e doutorado em Educação. Mora em Curitiba.

Everly GILLER

(Caçador/SC) Artista e professora. Em 1983 formou-se em Pintura e Licenciatura em Desenho na EMBAP/Curitiba. Depois, estudou por 2 anos no ateliê de Gravura em Metal da Academia de Belas Artes em Cracóvia/Polônia. Formada em Letras-Polonês pela UFPR. Mora em Varsóvia/Polônia.

IMAGEM EM DESTAQUE



Começo do verão polonês 2021, na ponte da Sereia, em Varsóvia. Foto: Marek Makowski

Paulo Leminski

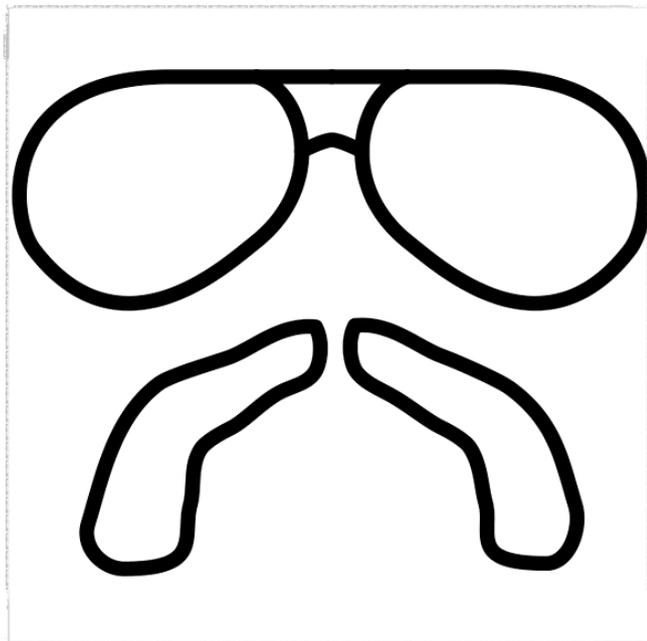


Ilustração Paulo Leminski

(fonte da imagem: <https://curitibaspace.com.br/paulo-leminski/>)

O Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Jaguelônica realizou um Encontro Literário em maio deste ano, dedicado à vida e obra de Paulo Leminski, com a participação de Aurea Leminski e Piotr Kilanowski, realizado no Zoom.

A divulgação foi feita na página do Facebook, onde ainda é possível encontrar o link de acesso:

<https://fb.me/e/18i5mZJzt>

PAULO LEMINSKI (1944-1989)

Produziu uma extensa e relevante obra, composta de poesia, prosa, traduções, biografias, ensaios e produções musicais. Suas criações sempre estiveram marcadas por sua singular maneira de escrever e brincar com as palavras, o que o caracterizou como um artista de vanguarda.

Descendente de poloneses, por parte de pai, e africanos e portugueses, por parte de mãe, na adolescência adquiriu conhecimentos de latim, teologia, filosofia e literatura clássica. Antes dos vinte anos, já lecionava História e redação em cursos pré-vestibulares, experiência que motivou a criação de seu primeiro romance, *Catatau* (1976). Leminski também atuou como diretor de criação e redator em agências de publicidade, o que contribuiu para sua atividade poética, sobretudo no aspecto da comunicação visual. A Poesia Concreta também teve fundamental importância na sua obra. Fascinado pela cultura japonesa e pelo zen-budismo, Leminski era praticante de judô, escreveu inúmeros haicais e uma biografia de Matsuo Bashô. O interesse pelos mitos gregos, por sua vez, inspira a prosa poética Metaformose. Paulo Leminski exerceu atividade intensa como crítico literário e tradutor, vertendo para o português obras de James Joyce, Samuel Beckett, Yukio Mishima, Alfred Jarry, entre outros.

AUREA LEMINSKI

É filha de Paulo Leminski e da poeta Alice Ruiz. Formada em jornalismo, atua na área de produção cultural e é coordenadora da itinerância e curadora conjunta das exposições sobre Paulo Leminski “Múltiplo Leminski” e “Meu Coração de Polaco Voltou”, que passou por várias cidades da Polônia. Organizou, com Alice Ruiz, os livros de autoria de Paulo Leminski: *Ex-estranho* e *Ensaio e Anseios Crípticos*. Coordenou a segunda edição do livro *Meu Coração de Polaco Voltou*, de poemas de Leminski traduzidos por Piotr Kilanowski, publicado no Brasil, em 2015.

PIOTR KILANOWSKI

É Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisador, professor no curso de Letras-Polonês da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tradutor de importantes poetas poloneses do século XX, entre os quais Wisława Szymborska. Coursou, entre 1987 e 1990, Filologia Hispânica (com habilitação em Inglês) na Universidade de Adam Mickiewicz (UAM). No mesmo ano iniciou o curso de Letras na Universidade de Brasília (UnB), obtendo a graduação em 1995. Dois anos depois, concluiu o mestrado em Literatura, também na UnB. Foi neste período, quando já ministrava aulas em cursos de graduação e pós-graduação em universidades do Distrito Federal, que Piotr Kilanowski descobriu a paixão pela tradução. Suas primeiras traduções – sobretudo poemas escritos originalmente em português, polonês, russo, inglês e espanhol – foram movidas pelo desejo de compartilhar textos e autores que admirava com pessoas próximas, que não poderiam lê-los se não fossem traduzidos. Foi este desejo que levou Piotr Kilanowski a mergulhar, a partir de 2009 e de maneira sistemática, na tradução de grandes nomes da literatura polonesa para o português: ele queria facilitar aos alunos do então recém-inaugurado curso de Letras-Polonês da UFPR o acesso a textos de autores poloneses ainda não traduzidos para o português. De lá para cá, e apesar de traduções publicadas em revistas literárias brasileiras e polonesas de poemas escritos em outros idiomas, Kilanowski se dedica à tradução das línguas dos dois países com os quais mantém uma relação cultural e afetiva maior: Polônia e Brasil. Um trabalho que, até agora, levou aos leitores poloneses um pouco da poesia de Paulo Leminski (1944-1989), e trouxe aos brasileiros, a força de poemas de Anna Świrszczyńska (1909-1984), Jerzy Ficowski (1924-2006) e Zbigniew Herbert (1924-1998), todos eles autores do pós-guerra, e Władysław Szlengel (1912-1943), que ficou conhecido como o poeta do Gueto de Varsóvia.

Piotr KILANOWSKI

É tradutor de poesia, professor de literatura polonesa no curso de Letras Polônês da UFPR e coordenador do Centro de Estudos Poloneses na mesma universidade.

Mar del Plata, las Amapolas Rojas y “V” – “V”



Amapolas Rojas, autoria de Viky

Victoria y Víctor han llevado en su imaginación artística el mismo tema: Amapolas Rojas. Víctor Marchessini (1934-2020) nació en Mendoza, casi pegadito a la Cordillera de Los Andes. Aficionado a la pintura desde chico siempre fue mucho más que un hobby, materializaba con sus pinturas las necesidades de plasmar en la tela sus gustos personales. Hoy un paisaje cuyano con álamos y colores otoñales, mañana una cabeza de caballo recuerdo de su niñez, luego la figura del General San Martín, rindiendo homenaje, con su formación militar, a quien fue el Libertador de Argentina, Chile y Perú. Y luego otros paisajes y temas de su agrado. No tuvo una formación en dibujo y pintura, pero tuvo el llamado de su corazón y dejó que sus manos trazo a trazo dejaran como un recuerdo imperdurable una herencia poética y espiritual para toda su familia.

Fue Presidente de la Asociación Sanmartiniana de Mar del Plata. Integrante de la Comisión de Cultura de la Sociedad de los Polacos en Mar del Plata. Y también en sus últimos años formó parte del Centro Cultural Cine Polaco Mar del Plata. Siempre sostuvo y hablaba fervorosamente del espíritu aguerrido del soldado polaco. Se sentía deslumbrado por la organización, armado y marcha del Segundo Cuerpo de Ejército Polaco, el Ejército Anders. Se maravillaba como hombres y mujeres, en la mayoría de los casos civiles con nula formación militar, se habían preparado al máximo para combatir por su amada Polonia y por la libertad de Europa y del mundo.

“Amapolas Rojas de Montecassino” es una sencilla obra en óleo con medidas pequeñas, 45 por 45 cms. Y cuando la miro veo el legado de Víctor hacia nosotros los polacos, de parte de un no polaco, veo que nos ha dejado un recuerdo permanente e imborrable, pues el rojo es como la sangre de los soldados polacos caídos en la Toma de la Abadía de Montecassino y la obra en su contexto general representa una página gloriosa en la historia de Polonia del siglo 20.

Víctor ya no está con nosotros, pero siempre recordaremos su amistad para con los polacos, para mí Víctor es un polaco más. Y agradezco de todo corazón su obra “Amapolas Rojas en Montecassino”.

Victoria Iparraguirre Bujak, nació el 21 de enero de 2003 en la Ciudad de Mar del Plata. Su bisabuelo combatió en Montecassino. Y está en permanente contacto con el Centro Cultural Cine Polaco Mar del Plata. Desde pequeña su juego preferido era con una hoja de papel y un lápiz.

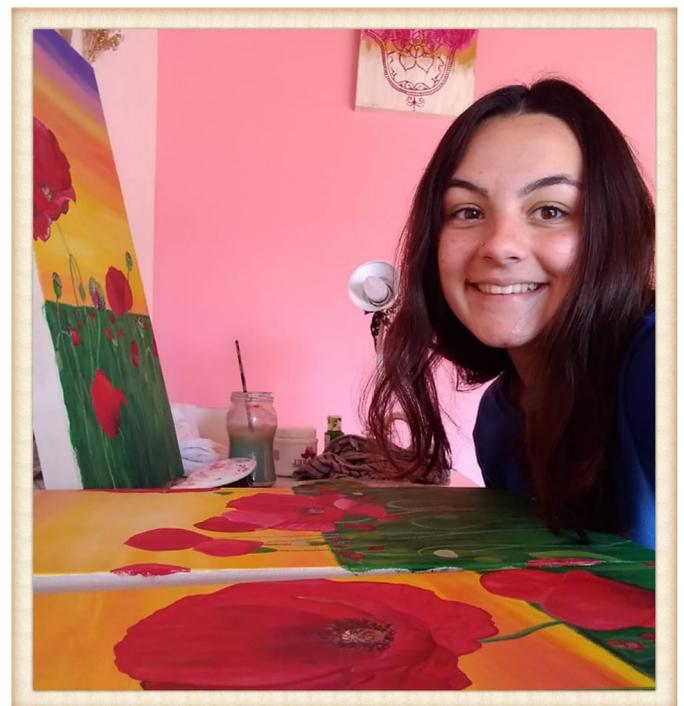
Dibujar, dibujar y dibujar era su mayor deseo y lo expresaba en forma permanente. La llamaría “Autodidacta”. Pues no solamente el dibujo y la pintura llenan sus juveniles horas, toda artesanía le viene bien. Si un día se pedía su colaboración para una jornada de Huevos de Pascuas Polacos-Pisanki, era la primera en llegar al Museo Bruzzone y con pinceles y pinturas orientaba y ayudaba a chicos y grandes. Otro día Sergio había repintado con los colores de la bandera de Polonia un refugio para los pasajeros de unas líneas de colectivos en la esquina de su casa. Y aunque no fuera en las calles céntricas de Mar de Plata, pero si en zona rural, casi en el medio del campo Viky estuvo presente. Y por qué esa parada de buses? Pues era para continuar con el legado del polaco papá de Sergio, quien pintaba las paredes de rojo y blanco para recordar a su amada patria. Pero a ese refugio le faltaba algo, un detalle polaco, y Viky no tuvo problemas, con mucha tranquilidad completó con el Aguila polaca y un rulo blanco y rojo la pared sur. Fue en la tarde del sábado 15 de octubre 2020, con un clima muy malo, mucho viento en forma permanente, viento frío que se colaba a pesar de los gruesos abrigos. Y al finalizar el trabajo en las sombras de la noche, su sonrisa quedo plasmada en las fotos para el recuerdo. Una sonrisa de alegría por el deber cumplido. Y sin dudar, sangre polaca corre por sus venas.

Hoy ha decidido que llegó el momento de capacitarse a nivel universitario y con la ayuda de su familia está inscrita en la Facultad de Bellas Artes-Universidad de la Ciudad de La Plata a 400 km de su hogar. Para ella se abre un nuevo mundo. Que lo pueda aprovechar, ganas le sobran.

Presenté a dos pintores marplatenses no profesionales. Con mucha diferencia de edad entre ambos, con distintas formaciones culturales pero con la misma pasión por el arte de la pintura y en este caso coincidieron en un tema “Amapolas Rojas”.

Eduardo Román SZOKALA

Vive em Mar del Plata e é colunista de *Glos Polski*, Buenos Aires - Argentina.



Victoria Bujak, a Viky.

Memórias afetivas a partir do *Barszcz czysty zabieleny*



Barszcz czysty zabieleny

Fonte da imagem: <https://ohme.pl/gotowanie/przepisy/zupy/barszcz-czerwony/>

Witam wszystkich, bem-vindos.

Quando fui solicitado a escrever sobre uma receita ligada às minhas memórias em relação aos avós, para homenageá-los, fiquei muito contente com isso. Tenho lembranças muito boas da minha avó Angelika, mãe da minha mãe, de quando ela ficava à noite, na cabeceira da cama acariciando meus cabelos e dos meus irmãos, enquanto contava histórias de Contos de Fadas para dormirmos, a fim de que tivéssemos um sono leve e tranquilo e com bons sonhos. Nós costumávamos passar as férias na casa de campo de minha avó, e pela manhã, quando acordávamos, a mesa já estava posta nos esperando, havia a sopa de leite *kluski*, tirada das vacas que nós cuidávamos no pasto.

Nos dias de verão acordávamos bem cedo, já que durante essa estação o sol nasce às 4 horas da manhã. Meus avós aproveitavam para cuidar do *obejście* (redondezas da casa). Havia um quintal enorme onde eles criavam vacas, cavalos, porcos, galinhas, patos, uma grande horta onde cultivavam pepinos, tomates, beterrabas, cebolas, alho, entre outros, e ao redor da casa havia um pomar com vários tipos de frutas como maçãs, morangos, peras, ameixas, nozes, pêssegos, cerejas, groselhas, entre muitas outras. Para nós esse quintal era como se fosse o paraíso. Como nessa época do ano os dias eram muito longos, nós aproveitávamos para passar a maioria do tempo correndo

nos campos ou nadando nos rios e lagos que havia por perto.

Já na estação de outono, costumávamos ir ao bosque colher cogumelos e frutas silvestres. Tanto no outono como no verão nós não tínhamos sossego, brincávamos o tempo todo e muitas vezes com essas brincadeiras acabávamos com a paz da minha avó Angelika, que já tinha cabelos brancos e conosco por perto parecia que os seus cabelos esbranquiçavam ainda mais. Em minhas lembranças eu guardo a imagem da minha avó como de uma senhora de cabelos bem brancos e os olhos azuis, azuis como o céu em um dia de verão. Ela tinha um sorriso lindo, generoso e sempre conversava com os vizinhos de forma alegre e sorridente.

Falando um pouco mais sobre minha avó, ela era uma senhora que gostava muito de festas, de dançar, cantar, de se arrumar, se perfumar, mas isso não era no cotidiano, normalmente ela usava um avental, e quase sempre um lenço na cabeça. As mãos eram bastante desgastadas pelos trabalhos do campo, porém suas mãos sempre foram muito carinhosas. Na cozinha minha avó adorava inventar receitas de alguma guloseima de acordo com a estação da época. No verão ela sempre fazia os doces baseados em frutas, que muitas vezes saíamos para colher juntos. Sinto muitas saudades desse doce de pessoa que era a avó Angelika, do seu sorriso, do seu olhar e de seu carinho. Tudo isso me faz muita falta.

A minha doce Angelika partiu em

um mês de maio, já faz muitos anos. O mês de maio na Polônia é muito gostoso, pois estamos em plena primavera, quando as temperaturas chegam a 30 graus, é a época em que toda a natureza teve tempo de despertar do seu sono e descanso durante os meses de inverno, os quais são calmos para um perfeito repouso. Maio é cheio de vida, de cores e aromas que explodem enchendo os olhos e todos os outros sentidos. Os perfumes das flores e das plantas, o cheiro da terra molhada devido aos temporais repentinos, deixando como rastro um belo arco-íris no horizonte. A dona Angelika se despediu de tudo isso em pouco tempo, ficou algumas semanas de cama e logo partiu. Ficou na minha lembrança o dia em que cheguei perto dela com um pepino fresco e cheiroso, ela abriu os olhos e me pediu um pedacinho.

Em tempos de lembranças, e perdido em meus pensamentos, recordei de uma avó querida que eu tive aqui no Brasil. Dona Janka era uma senhora de quase 100 anos, eu a conheci em meu trabalho na Casa da Cultura Polonesa, e a partir daí ficamos bons amigos. Nosso primeiro encontro foi quando a chamamos para orientar o caseiro em como cuidar do jardim, que ficava ao redor da casa. Uma senhora quase centenária, mas com um jeito de menina, eu a chamava de *Menina do Levante de Varsóvia*, uma pessoa cheia de energia, muito espirituosa, adorava sair, ir aos concertos e teatros, sempre me perguntava se teria algum evento para irmos. No término do passeio sempre a levávamos para casa e logo ela perguntava quando seria o próximo.

Sinto muitas saudades de sua companhia e de suas histórias sobre a época de sua juventude, que foram tempos difíceis em meio à Segunda Guerra Mundial. Ela e o seu amado marido Sr. Janusz desembarcaram no Brasil para torná-lo sua segunda Pátria, viajaram por este país desde o Amazonas, passaram por Minas Gerais e por fim São Paulo, onde fixaram residência. Um casal eternamente jovem e apaixonado, verdadeiras almas gêmeas.

Muitas recordações lindas desses tempos, e com elas volto o meu pensamento para a avó Angelika

 KUCHNIA POLSKA I BRAZYLIJSKA / CULINÁRIA POLONESA E BRASILEIRA

e na variedade de sopas que ela fazia. Quais sabores eu poderia indicar para vocês? Já que estamos em pleno inverno, uma sopa quente seria ideal para nos aquecer e dentre tantas que minha avó preparava, eu escolhi o *barszcz*. Ela tem duas versões. No *czysty* (claro, limpo), há somente o caldo, e era servido com um tipo de purê de batata, oferecido à parte e misturado com o *barszcz* na hora de comer. Na infância eu imaginava que o purê de batata era uma ilha no meio do Mar Vermelho e aos poucos ia sumindo com cada colherada que levava à boca. O outro tipo era servido com legumes, carne e os demais ingredientes cozidos juntos. Então, vamos aprender a receita de *barszcz czysty zabieleny*.

Preparação: 20 min

Cozimento: 1 h

Pronto em: 1h20 min

Calorias: Aproximadamente 200 kcal/porção

Porções: 5-6

Ingredientes:

- aproximadamente 8 beterrabas de tamanho médio
- aproximadamente 10 batatas de tamanho médio
- 2 cenouras
- 1 salsa

- uma porção de carne (cerca de 500 gramas) e de caldo knorr
- 2 cebolas médias
- óleo para fritura ou manteiga
- 3 a 4 folhas de louro
- 4 Allspice (pimenta-da-jamaica)
- 1 colher de sopa de açúcar
- 2 colheres de sopa de vinagre
- sal
- pimenta
- manjerona
- 200-250 gramas de creme de leite
- 1 ou 2 dentes de alho
- aproximadamente 2 colheres de sopa de farinha de trigo.

Modo de fazer:

Lave as beterrabas, descasque-as e corte-as em cubos pequenos, lave e descasque as batatas e as cenouras e corte-as em pedaços maiores. Coloque a beterraba e os outros legumes e uma porção de carne com todas as especiarias, exceto a manjerona, em uma panela. Despeje a água na panela, um pouco mais acima dos legumes. Cozinhe por cerca de 1h em fogo baixo para que os legumes fiquem macios e o *barszcz* adquira uma cor vermelha.

Para o purê, lave as batatas, descasque e ferva até ficarem macias em água salgada. Descasque a cebola e corte-a em cubos pequenos. Aqueça a manteiga ou o óleo em uma frigideira

e frite a cebola. No final do cozimento do *barszcz*, adicione manjerona a ele. Retire os legumes do *barszcz*, depois rale-os grosseiramente e adicione de volta à sopa. Você não precisa usar toda a quantidade. O *barszcz* pode ser temperado com sal, pimenta e vinagre, pode diluir o vinagre se o sabor for muito forte. Amasse o alho e adicione à sopa. Despeje o creme de leite em uma tigela e adicione um pouco de *barszcz* e farinha, em seguida mexa e despeje de volta na panela de sopa. O *barszcz* branqueado é mais fácil de ganhar consistência.

Depois de cozidas, amasse as batatas com cebola frita, coloque nos pratos e em seguida sirva acrescentando o *barszcz*. Os branqueados, sem a adição de química e corantes artificiais terão um gosto bem marcante. É uma ótima ideia para o jantar, especialmente na estação de vegetais frescos, pois o sabor ficará ainda melhor. Além disso, a receita do *barszcz* vermelho caseiro pode ser facilmente feita por pessoas leigas na arte culinária, e que até agora só usaram sopas prontas.

Grzegorz MIELEC

Há 15 anos no Brasil, bem conectado com a Polônia, trabalha na Casa Sanguusko de Cultura Polonesa em São Paulo preparando almoços na Capelania Polonesa, repassando os sabores da culinária guardados na memória da época de infância e adolescência.

 CORRESPONDÊNCIA


Recebemos esta comunicação, que pode interessar às comunidades polônicas do Brasil:

Estou escrevendo da editora Edyta Jungowska de Varsóvia. Todos os anos, lançamos pelo menos 2 audiolivros para crianças. Entre nossos contos de fadas, você encontrará autores como Astrid Lindgren, Erich Kaestner, Hugh Lofting etc. Atualmente, nossa novidade são os Mutuários de Mary Norton. Você gostaria de nos ajudar a popularizar ou reproduzir um pequeno fragmen-

Correspondência

to de nossos contos de fadas para crianças polonesas no Facebook? Geralmente, estamos interessados em uma cooperação de longo prazo com a diáspora polonesa e poloneses no exterior, facilitando o acesso à sua língua materna na forma de contos de fadas.

Oferecemos aos nossos parceiros diversos materiais gratuitamente:

- *sons
- *filmes com episódios
- *livros para colorir
- *recortar
- *cenários de jogo
- *prêmios em competições (arquivos mp3 sem frete)

Disponibilizamos todo o material gratuitamente em troca de suporte promocional em revistas, portais e

redes sociais locais. Queremos que as crianças de origem polonesa conheçam os nossos contos de fadas, pois já são muito conhecidos na Polônia. Estamos interessados em cooperação não comercial, educacional e promocional.

Aqui está um exemplo de nossos contos de fadas:

<https://www.youtube.com/watch?v=pxqWF9qtkSA&t=76s>

Pessoas interessadas, por favor, entrar em contato:

Kamila Wujec

Editora Jung-off-ska
www.jungoffska.pl
kamila@jungoffska.pl
 Celular: +48512611200

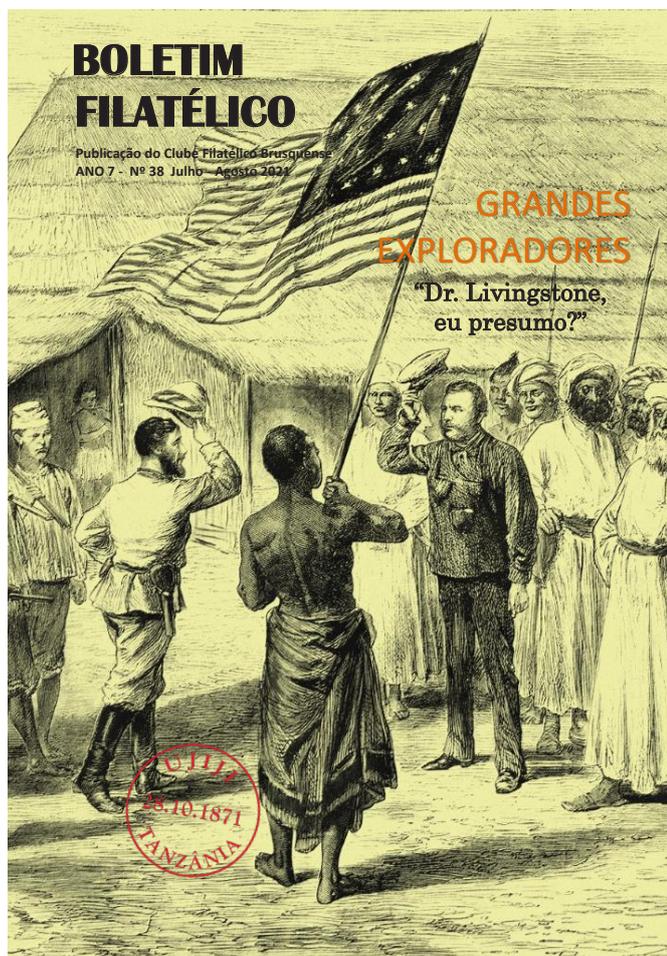


DIVULGAÇÃO



CURSOS

Boletim Filatélico



Capa do Boletim Filatélico número 38

Recebemos mais um excelente Boletim Filatélico, número 38 (julho/agosto), nesta edição muitos artigos de interesse histórico-temático: "Grandes Exploradores traz ao conhecimento dos leitores a fascinante presença e trabalho do missionário inglês, Dr. David Livingstone, na África Central. Uma lição de vida!"

Contato:

Clube Filatélico Brusquense
Caixa Postal 212
88.353-970
Brusque – Sta.Catarina
jorgekrieger@uol.com.br

Jorge Paulo KRIEGER FILHO
Presidente.

Curso extensivo de idioma polonês 2º semestre de 2021 - on-line

A Casa da Cultura Polônia Brasil (CCPB) através do Projeto "UCZMY SIĘ RAZEM" promove a disseminação e a manutenção da cultura polonesa, bem como oportunidade o acesso ao conhecimento do idioma polonês para crianças, jovens e adultos.

O Projeto que conta com o apoio do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, será realizado de maneira on-line no segundo semestre deste ano, com início na segunda semana de agosto. Os cursos extensivos de idioma polonês terão carga horária de 40 horas, com aulas uma vez por semana.

Turmas que serão ofertadas

*Infantil e Juvenil – sábados

*Jovem e Adulto:

-Semestre I (Iniciante) - segundas

-Semestre II - terças ou sábados

-Semestre III - terças ou quintas

-Semestre IV - segundas

-Semestre V - quartas

-Semestre VI - sábados

Para maiores informações entre em contato conosco:

Fones: 55 (41) 9 9837-2801 ou 55 (41) 9 9916-4668

E-mail: idioma@poloniabrasil.org.br

Junte-se a nós, seja um associado da Casa da Cultura Polônia Brasil.

Endereço: Ébano Pereira, 502 - Centro, Curitiba – PR

Equipe CCPB:
Bernardete Salamaia
Regiane Maria Czervinski

Realização:



CASA DA CULTURA
**POLÔNIA
BRASIL**

Apoio:



Consulado Geral
da República da Polônia
em Curitiba



Rzeczpospolita Polska
Ministerstwo
Spraw Zagranicznych

"Este projeto tem o apoio do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba"